



Alda Passos Ribeiro

Número: 32032

Atitudes de adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades: o papel da autoestima, da empatia e da satisfação com a vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Carla Peixoto e Melo de Carvalho e a coorientação do Professor Doutor Francisco Machado

Instituto Universitário da Maia

Setembro, 2018

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

### **Agradecimentos**

À minha orientadora, a Professora Doutora Carla Peixoto Melo de Carvalho, pela disponibilidade, pela partilha de conhecimentos e pela paciência que teve comigo. É para mim uma inspiração. Ao meu coorientador, o Professor Doutor Francisco Machado, pelas suas palavras de apreço e pelas sugestões.

Aos meus pais, que sempre estiveram do meu lado. Às minhas duas irmãs, Sónia e Cláudia, por me terem protegido durante toda a minha vida. Aos meus cunhados, Vítor e Nuno, que são como irmãos para mim. À minha afilhada, pelos abraços e beijinhos nas alturas de menor motivação. Sem dúvida que as crianças são o melhor do mundo e ela é o melhor do meu mundo. Ao Hélder pela compreensão nos momentos de menor paciência e por me incentivar a fazer mais e melhor.

À Daniela, a minha irmã do coração, por estar sempre ao meu lado e por nunca duvidar das minhas capacidades. A tua amizade é fundamental para a minha sanidade mental.

À Dr.<sup>a</sup> Rita Lima, à Dr.<sup>a</sup> Ana Santos, à Professora Lurdes Figueiredo e a todos os Diretores de Turma que foram fundamentais e incansáveis durante todo o processo de recolha de dados. Agradeço a vossa disponibilidade e simpatia!

Às minhas companheiras de mestrado Mélanie, Sandra Leite e Sandra Azevedo, pelos cafés, pelos chocolates e, por estes dois últimos e maravilhosos anos.

À minha avó, que será sempre o meu anjo da guarda.

Sinto-me grata por ter as pessoas certas nos momentos certos! A todos/as vocês:

Obrigada!

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Resumo**

As atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades surgem na literatura como um dos fatores fundamentais para a promoção de uma escola inclusiva (e.g., Omote, 2016; Vignes et al., 2009). Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo geral contribuir para a compreensão da problemática das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, procurando perceber especificamente a sua relação com variáveis de natureza individual, nomeadamente, idade, sexo, experiência de contacto com pessoas com incapacidades, empatia, autoestima e satisfação global com a vida. Participaram 190 alunos/as (43.7% do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. A recolha de dados realizou-se através de um protocolo constituído por um questionário sociodemográfico, a *Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps Scale* (Gonçalves & Lemos, 2014), a Escala de Empatia Básica (Anastácio, Vagos, Nobre-Lima, Rijo, & Jolliffe, 2016), a Escala de Auto-Estima de Rosenberg (Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2011) e a Escala de Satisfação Global com a Vida (Marques, Pais-Ribeiro, & Lopez em 2007). Os resultados demonstraram que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades são globalmente positivas. Além disso, verificou-se que as raparigas, os/as alunos/as mais novos/as e os/as alunos/as que relataram ter contacto com pessoas com incapacidades fora da escola tendem a apresentar atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Adicionalmente, encontraram-se associações estatisticamente significativas positivas entre as atitudes face à inclusão e a empatia, não tendo sido registadas associações estatisticamente significativas com a autoestima e a satisfação global com a vida.

*Palavras-Chave:* Atitudes face à inclusão, adolescência, empatia, autoestima, satisfação global com a vida

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Abstract**

The literature demonstrates that the attitudes of adolescents towards the inclusion of peers with disabilities are one of the fundamental factors for their inclusion in school (e.g., Omote, 2016; Vignes et al., 2009). The main goal of this study was to analyze the attitudes of adolescents towards inclusion of peers with disability, as well as its relation with individual variables such as age, sex, experience of contact with peers with disabilities, empathy, self-esteem and overall life satisfaction. A total of 190 adolescents (43.7% female), between 12 and 17 years old, participated in this study. Data collection was made through a protocol with a sociodemographic questionnaire, the Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps Scale (Gonçalves & Lemos, 2014), the Basic Empaty Scale (Anastácio, Vagos, Nobre-Lima, Rijo, & Jolliffe, 2016), the Rosenberg Self-Esteem Scale (Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2011) and the Students' Life Satisfaction Scale (Marques, Pais-Ribeiro, & Lopez em 2007). The results showed that the attitudes of adolescents towards the inclusion of peers with disabilities are generally positive, and that girls, young students and students who have contact with persons with disabilities out of school tend to have more positive attitudes towards the inclusion of peers with disabilities. Additionally, it was found that empathy is positively correlated with attitudes towards inclusion, and that there were no associations between self-esteem and global satisfaction with life.

*Keywords:* Attitudes towards inclusion, adolescence, empathy, self-esteem, global satisfaction with life

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I. Enquadramento teórico-empírico .....</b>	<b>3</b>
1. Atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades .....	3
1.1. Do conceito de atitudes à sua relação com o comportamento.....	3
1.2. Da relevância e caracterização às estratégias de promoção de atitudes positivas face à inclusão .....	7
2. Fatores individuais associados às atitudes face à inclusão .....	13
2.1. Fatores sociodemográficos .....	14
2.2. Contacto e proximidade com pessoas com incapacidades .....	17
2.3. Empatia.....	18
2.4. Autoestima .....	19
2.5. Satisfação global com a vida.....	21
<b>Capítulo II. Estudo empírico .....</b>	<b>23</b>
1. Objetivos, problemas e hipóteses de investigação .....	23
2. Método .....	27
2.1. Participantes .....	27
2.2. Instrumentos .....	30
2.3. Procedimentos .....	33
3. Apresentação e discussão de resultados.....	34
3.1. Apresentação dos resultados .....	34
3.2. Discussão dos resultados .....	39

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM  
INCAPACIDADES

<b>Considerações finais .....</b>	<b>44</b>
<b>Referências .....</b>	<b>47</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>58</b>

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Lista de abreviaturas e siglas**

BES – Escala de Empatia Básica

CATCH – Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps Scale

RSES - Escala de Auto-Estima de Rosenberg

SLSS - Escala de Satisfação Global com a Vida

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Lista de figuras**

**Figura 1.** *Teoria da Ação Planeada, desenvolvida por Ajzen (adaptado de Lima, 2006)*

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Lista de tabelas**

**Tabela 1.** *Síntese da literatura que analisou a relação entre a idade e as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades*

**Tabela 2.** *Caracterização sociodemográfica dos/as participantes e respetivas figuras parentais*

**Tabela 3.** *Experiência de contacto dos/as participantes com pessoas com incapacidades*

**Tabela 4.** *Itens constituintes das dimensões do CATCH (Gonçalves & Lemos, 2014)*

**Tabela 5.** *Itens constituintes das dimensões do BES (Anastácio, Vagos, Nobre-Lima, Rijo, & Jolliffe, 2016)*

**Tabela 6.** *Estatísticas descritivas das principais variáveis em estudo*

**Tabela 7.** *Atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função do sexo*

**Tabela 8.** *Correlações Momento Produto de Pearson entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função da idade*

**Tabela 9.** *Atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função do contacto com pares com incapacidades na turma*

**Tabela 10.** *Atitudes dos/as adolescentes face à inclusão de pares com incapacidades em função do contacto com pessoas com incapacidades fora da escola*

**Tabela 11.** *Correlações Momento Produto de Pearson entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida*

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Introdução**

Ao longo dos tempos, Portugal tem assistido a diversas mudanças no que concerne à Educação Especial (Rodrigues & Nogueira, 2011), agora designada por Educação Inclusiva, na sequência da recente alteração legislativa a 6 de julho de 2018 com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 54/2018. Este quadro legal fornece os princípios orientadores para que as escolas reconheçam a diversidade dos/as seus/suas alunos/as, fornecendo-lhes respostas educativas adequadas às suas necessidades individuais, facilitando o acesso ao currículo e às aprendizagens e valorizando as potencialidades de cada aluno/a. Assim, a inclusão dos/as alunos/as com incapacidades deve passar por adequações e/ou modificações ao nível do conteúdo, métodos de ensino e de avaliação, de forma sistemática, com o intuito de responder às necessidades de cada um/a. No entanto, além de outros fatores e intervenientes, a inclusão bem-sucedida de alunos/as com incapacidades envolve, também, o papel dos pares sem incapacidades neste processo, sendo que as atitudes face à inclusão constituem uma variável crucial para a compreensão deste fenómeno (Hehir et al., 2016).

Com efeito, têm sido desenvolvidas várias investigações em torno das atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades, com vista à educação inclusiva (Gore, 2015). De acordo com os dados obtidos pelo Observatório da Deficiência e dos Direitos Humanos, o número de alunos/as com incapacidades que frequenta o 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário aumentou (Pinto & Pinto, 2017), reforçando a importância de estudar as atitudes dos/as alunos/as sem incapacidades face à inclusão desta população.

A literatura tem demonstrado que atitudes negativas face à inclusão dos pares com incapacidades tendem a resultar numa baixa aceitação destes/as alunos/as, o que leva a que estes/as estabeleçam menos amizades, apresentem níveis superiores de solidão e,

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

em casos mais extremos, experienciem a rejeição e/ou *bullying*, aumentando assim a predisposição para problemas a nível social, académico e comportamental (De Boer, Pijl & Minnaert, 2012; Jackson & Bracken, 1998). Por outro lado, atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades levam à existência de menos preconceito em relação às incapacidades e a um aumento de amizades estabelecidas (Bunch & Valeo, 2004; Georgiadi, Kalyva, Kourkoutas, & Tsakiris, 2012). Acresce-se, ainda, que as escolas inclusivas apresentam potencial para mudar as atitudes negativas e promover atitudes positivas face à inclusão (Bunch & Valeo, 2004).

Neste sentido, o estudo empírico desenvolvido no âmbito da presente dissertação, a qual se insere no domínio da Psicologia Escolar e da Educação, tem por objetivo geral contribuir para a compreensão da problemática das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, procurando perceber especificamente a sua relação com variáveis de natureza individual.

O presente trabalho encontra-se organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo é possível encontrar o enquadramento teórico-empírico, onde é feita uma revisão da literatura sobre as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades, bem como os resultados da investigação sobre a temática e os fatores individuais associados às atitudes face à inclusão. No segundo capítulo é apresentado o estudo empírico desenvolvido no âmbito da presente dissertação, destacando, inicialmente, os objetivos, problemas e hipóteses de investigação, bem como os/as participantes, os instrumentos e os procedimentos de recolha de dados. Ainda neste capítulo são apresentados os resultados e respetiva discussão, estabelecendo assim uma ponte entre os resultados obtidos no presente estudo e a revisão da literatura. Por último, as considerações finais tecem algumas reflexões em torno das limitações do trabalho e as implicações para futuras investigações e para a prática.

## Capítulo I. Enquadramento teórico-empírico

### 1. Atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades

#### 1.1. Do conceito de atitudes à sua relação com o comportamento

As atitudes das pessoas face à inclusão representam uma variável com um grande impacto na vida dos indivíduos com incapacidades (Gore, 2015), uma vez que estas são uma das principais preditoras do comportamento humano (Lima, 2006). Assim, torna-se pertinente compreender melhor este conceito, a sua definição, as suas características e a forma como é que este se interliga com o comportamento.

O conceito de atitudes tem evoluído a par com as diferentes perspetivas teóricas, resultando assim em alterações sistemáticas ao longo do tempo. Partindo de uma revisão sistemática da literatura, Eagly e Chaiken (1993, como citado por Lima, 2006) reuniram múltiplas definições associadas a este conceito com o objetivo de obterem consenso a este nível, definindo atitudes como inferências sobre os processos psicológicos internos dos indivíduos, sendo estas construídas através da observação dos comportamentos e expressas a partir de um julgamento avaliativo. Assumimos no presente trabalho esta definição.

No que diz respeito ao julgamento avaliativo, este apresenta três características:

- (i) *Direção*, que pode ser favorável ou desfavorável;
- (ii) *Intensidade*, representada pela posição que é tomada face a determinado assunto, podendo esta ser mais extremista ou fraca;
- (iii) *Acessibilidade*, que está diretamente associada aos processos de memória e de aprendizagem, i.e., quanto mais contacto o/a indivíduo tem com determinado objeto mais fácil é para o mesmo aceder a este e formular uma

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

atitude, ou seja, quanto mais forte e frequente for o acesso a determinada informação, maior é a rapidez com que é formulada uma atitude (Lima, 2006).

Outro aspeto a ter em consideração é o facto de que uma atitude pode assumir a mesma direção e diferentes intensidades. Consideremos o exemplo de dois adolescentes em que ambos apresentam atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Contudo, um pode assumir uma posição mais extrema, agindo com mais intensidade para promover a inclusão, enquanto o outro apresenta uma intensidade mais fraca, retratada por pouca proatividade relativamente a oportunidades para esta mesma inclusão (Lima, 2006).

Para além das características acima mencionadas, importa referir que o conceito de atitudes é um construto multidimensional (Gonçalves & Lemos, 2014). Deste modo, podemos considerar que uma atitude é composta sempre por três dimensões, abaixo enumeradas:

- (i) Dimensão *cognitiva*, composta por pensamentos, ideias, opiniões e crenças que a pessoa tem acerca de determinado objeto, que se podem traduzir essencialmente em representações cognitivas que a pessoa tem sobre esse mesmo objeto;
- (ii) Dimensão *afetiva*, que diz respeito a sentimentos e reações emocionais provocadas pelo objeto das atitudes, estando desta forma ligada aos sentimentos que a pessoa tem perante determinado objeto;
- (iii) Dimensão *comportamental*, alusiva aos comportamentos ou intenções comportamentais, demonstrados pelas declarações relativamente às ações que seriam praticadas por uma pessoa face ao objeto, ou seja, qual o

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

comportamento que este vai ter perante um determinado objeto (Fishbein, 1966, como citado por Carvalho, 2011; Gonçalves & Lemos, 2014).

As atitudes podem ser aprendidas através de diversos meios, como a exposição a estímulos, informação obtida, experiências e interações com o contexto, podendo sofrer mudanças de acordo com a intenção e o objeto. Isto significa que a formação das atitudes podem resultar das interações da pessoa com o objeto, sendo as mesmas suscetíveis à mudança (Vaz, 1997, como citado por Afonso, 2011).

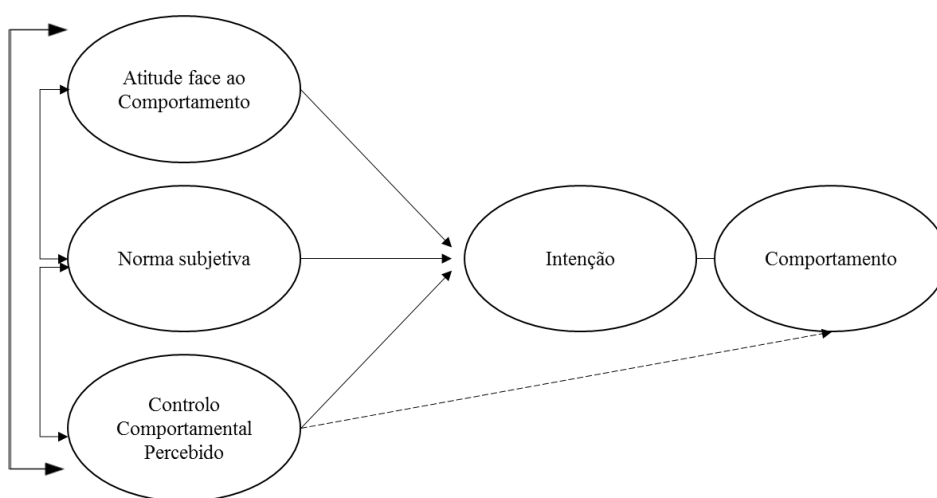
Importa reforçar que os conceitos de “atitude” e de “comportamento” são distintos. Enquanto o primeiro se refere a uma intenção comportamental, o segundo remete-nos para uma ação (Amaral, 2009), sendo que as atitudes dos pares perante pessoas com incapacidades são importantes pelo facto de estas predizerem de certo modo os comportamentos que estes podem adotar relativamente aos/às outros/as (Dias, Sousa, Gonçalves, Flores, & Pérez, 2016; Omote, 2016).

Como forma de explicar a relação entre as atitudes e os comportamentos, bem como de compreender quais os processos psicológicos envolvidos nesta relação, surge a Teoria da Ação Planeada, desenvolvida por Ajzen em 1987 (Lima, 2006).

A Teoria da Ação Planeada defende que o comportamento é resultado de uma escolha ponderada, baseada em diversas alternativas equacionadas pela pessoa. De acordo com esta teoria, depende-se que todo o comportamento é sustentado por intenções comportamentais, das quais fazem parte dinâmicas de motivação individual para a tomada de uma decisão consciente em realizar determinado comportamento (Conner & Armitage, 1998). Assim, considera-se que toda a ação humana é resultado de três fatores determinantes que levam o indivíduo à realização de um comportamento (Ajzen, 1991; cf. Figura 1):

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- (i) *Atitude face ao comportamento*, refere-se ao grau de sentimentos (positivos ou negativos) que uma pessoa assume relativamente ao comportamento de interesse, com implicações a respeito da consideração dos resultados possíveis, caso concretize determinado comportamento;
- (ii) *Norma subjetiva*, que diz respeito às crenças individuais sobre o que outros/as poderão presumir com base na ação realizada pelo/a próprio/a, ou seja, trata-se da percepção que a pessoa faz sobre o ambiente social em torno de determinado comportamento, estando neste ponto envolvidas questões como a desejabilidade social;
- (iii) *Controlo comportamental percebido*, correspondente à percepção da pessoa face ao desempenho de uma ação/comportamento, o que está intimamente relacionado com a percepção de autoeficácia. Assim, comportamentos habituais são percecionados pela pessoa como fáceis de executar, o que leva a uma intenção comportamental e posterior comportamento (Ajzen, 1991; Hartwick & Barki, 1994; Lee & Kozar, 2005; Lima, 2006).



**Figura 1.**  
*Teoria da Ação Planeada, desenvolvida por Ajzen (adaptado de Lima, 2006)*

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Importa salientar que quanto mais fortes e favoráveis forem as atitudes e as normas subjetivas em relação a um determinado comportamento, mais provável será a prática desse mesmo comportamento (Ajzen, 1991). Contudo, a probabilidade de execução do mesmo decresce quando as pessoas, apesar de apresentarem atitudes favoráveis face ao comportamento e crenças de validação por parte de outros/as (normas subjetivas), não se consideram detentores de recursos ou oportunidades para a realização de determinado comportamento (Ajzen, 1991).

### **1.2. Da relevância e caracterização às estratégias de promoção de atitudes positivas face à inclusão**

A adolescência é uma fase desenvolvimental na qual ocorrem grandes mudanças no indivíduo a vários níveis (e.g., biológico, cognitivo e social). Durante este período os/as adolescentes tendem a demonstrar preferência pelas interações sociais com pares, o que faz com que estes adotem condutas que facilitem a sua inserção nos grupos pretendidos, condicionando deste modo as suas atitudes e comportamentos (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).

Omote, Oliveira, Baleotti e Martins (2005) defendem a existência de uma ligação entre as atitudes e as reações dos indivíduos face à inclusão dos pares com incapacidades, uma vez que os valores pessoais são influenciados pelas dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais, estando estas dependentes das normas de convívio social aceites pela pessoa. Importa ainda mencionar que relações interpessoais mais positivas tendem a produzir um ambiente educacional mais inclusivo (Omote, 2016).

A escola para além de ser responsável por promover o desenvolvimento pessoal e a aquisição de conhecimentos é, também, o local onde os/as adolescentes passam a maior

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

parte do seu tempo e onde se deparam com a diversidade através de processos de sociabilização – um dos princípios da formação de atitudes (Afonso, 2011; Fragozo & Casal, 2012; Pratas, 2014).

Como consequência desta diversidade, as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades têm sido um tema explorado, devido à importância que acarreta na inclusão destes nas turmas do ensino regular e nas atividades sociais em geral que ocorrem no contexto escolar (Bossaert et al, 2011; Vignes et al., 2009). À semelhança de outros estudos desenvolvidos neste âmbito (e.g., Alves, 2015; Blackman, 2016; Gore, 2015), será utilizado no presente trabalho, de forma genérica, o termo incapacidades, entendido como um fenómeno dinâmico, caracterizado por um *continuum* de situações resultado da interação entre a deficiência (i.e., perdas ou anomalias estruturais/funcionais a nível psicológico, fisiológico ou anatómico) e as barreiras do ambiente (Amiralian, et al., 2000; Fontes, Fernandes, & Botelho, 2010).

A literatura tem vindo a demonstrar que quando os/as alunos/as apresentam atitudes positivas face aos pares com incapacidades, há mais inclusão e resulta num benefício generalizado para toda a comunidade escolar. Por outro lado, atitudes negativas podem ser traduzidas em comportamentos de discriminação que podem levar ao afastamento dos pares com incapacidades ou, em casos mais extremos, a situações de *bullying*, abuso e/ou agressão (De Boer et al., 2012; Hehir et al., 2016).

Respeitante a atitudes negativas, num estudo realizado por Pivik, McComas e Laflamme (2002), com 12 pais/mães e 15 alunos/as com limitações de mobilidade, foi possível identificar algumas barreiras à inclusão, tendo as atitudes sido descritas como um dos maiores obstáculos à inclusão. Em primeiro lugar surgiu o ambiente físico (e.g. rampas), em segundo as barreiras atitudinais intencionais (e.g. isolamento), seguidas das

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

barreiras atitudinais não-intencionais (e.g. falta de conhecimento) e, por último, a limitação física (e.g. a dificuldade com destreza manual). Estas atitudes eram manifestadas através de agressões físicas e emocionais (*bullying*) e pela falta de conhecimento que os/as alunos/as tinham sobre a incapacidade em questão.

Em suma, o papel das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades assume grande relevância devido ao facto de apresentar não só benefícios para alunos/as com incapacidades a nível social (e.g., maior propensão de pertencer a um grupo de amizade, mais independentes, mais competitivos na procura de emprego) e académico (e.g., melhor compreensão de texto e de desempenho matemático) (Hehir et al., 2016; Schifter, 2015; Wagner, Kutash, Duchnowski, & Epstein, 2005), mas também para alunos/as sem incapacidades (e.g., aumento de sentimentos positivos; maior aceitação face à diversidade; diminuição de sentimentos de preconceito e capacidade de responder às necessidades dos/as outros/as e estabelecimento de amizades mais promissoras) (Hehir et al., 2016; Staub & Peck, 1995).

Assumindo a relevância do papel das atitudes dos adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, são vários os estudos desenvolvidos nos últimos anos a nível internacional e a nível nacional sobre esta temática.

No contexto internacional foram já realizados vários estudos onde avaliavam as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades em diferentes populações e faixas etárias, que variavam entre os 8 e os 20 anos. Nestes mesmos estudos, as atitudes foram avaliadas através da aplicação do *Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps Scale* (CATCH; Rosenbaum, 1985), onde foi possível verificar que as atitudes de crianças e adolescentes nigerianos/as (Olaleye et al., 2012), franceses (Vignes et al., 2009), belgas (Bossaert, Colpin, Pijl, & Petry, 2011) e israelitas/canadienses (Tirosh, Schanin, & Reiter, 1997) eram, em geral, positivas. De

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

mencionar que, no último estudo referenciado, verificou-se ainda que os/as participantes canadenses/as apresentavam atitudes mais positivas em comparação com os/as participantes israelitas, demonstrando assim, que o contexto cultural pode ter influência nas atitudes que as crianças e os/as adolescentes assumem relativamente à inclusão (Tirosh et al., 1997). Também nos Estados Unidos da América, Gore (2015) verificou que as atitudes de crianças, do 5.º ao 8.º ano, face à inclusão dos pares com incapacidades eram positivas.

Num estudo desenvolvido com uma amostra de 200 alunos/as de ensino secundário e 144 estudantes universitários do curso de educação especial, De Laat, Freriksen e Vervloed (2013) procuraram explorar as atitudes destes/as alunos/as relativamente a pessoas portadoras de deficiência auditiva, visual, motora e intelectual. Os resultados permitiram verificar a existência de atitudes mais positivas face a indivíduos que apresentavam deficiências físicas visíveis.

Relativamente a estudos realizados a nível nacional, importa destacar que a grande maioria foca-se nas atitudes face à inclusão de pares com deficiência nas aulas de educação física. Estes estudos foram realizados com alunos/as do 1.º, 2.º, 3.º ciclo do ensino básico e secundário (Afonso, 2011; Amaral, 2009; Parada, 2014), sendo que os resultados obtidos nestes estudos são congruentes com a maioria dos estudos internacionais, uma vez que revelaram a existência de atitudes positivas face à inclusão dos pares com deficiência nas aulas de educação física.

Porém, destaca-se o estudo de Alves (2015), que avaliou, em geral, as atitudes de alunos/as face à inclusão dos pares com incapacidades. Os/as participantes deste estudo tinham idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, tendo-se verificado que, na globalidade, os/as participantes relataram atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Importa também mencionar que têm sido realizados diversos programas de intervenção com o objetivo de promover atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Estas intervenções são baseadas no contacto (e.g., aprendizagem cooperativa), na transmissão de informação sobre a temática (e.g., debates, vídeos, etc.) e em simulações (Alves, 2015).

No que diz respeito à promoção de atitudes positivas através do contacto com alunos/as com incapacidades, a maioria das intervenções encontradas na literatura não abrangem a fase desenvolvimental da adolescência, tendo estas sido, maioritariamente, realizadas com crianças e jovens adultos/as. Os resultados demonstraram um aumento das atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades (Manetti, Schneider, & Siperstein, 2001; Marom, Cohen, & Naon, 2007; Slininger, Sherrill, & Jankowski, 2000).

Apesar de as intervenções baseadas na informação serem as mais frequentes, podemos encontrar na literatura alguma heterogeneidade no que diz respeito aos resultados obtidos. Embora tenha sido possível verificar que algumas intervenções com alunos/as dos 9 aos 13 anos (Swaim & Morgan, 2001) e com 12 e 13 anos (Godeau et al., 2010) não provocaram qualquer efeito, outros resultados sugerem que este tipo de intervenção contribuiu para o aumento de atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades (Campbell, Ferguson, Herzinger, Jackson, & Marino, 2004; Holtz & Tessman, 2007; Triliva, Anagnostopoulou, Hatzinikolaou, Chimienti, & Mastorakou, 2009).

Holtz e Tessman (2007) realizaram uma intervenção com 179 alunos/as, com idades compreendidas entre os 7 e os 15 anos, cujo objetivo era aumentar as atitudes positivas e o conhecimento sobre o síndrome de *Tourette*. Para tal, os/as alunos/as foram submetidos à visualização de um vídeo, tendo sido possível concluir que, para além de

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

haver um aumento das atitudes positivas face à inclusão, os/as alunos/as adquiriram mais conhecimento sobre a temática e reportaram uma maior intenção comportamental. Também foi possível verificar estes resultados num estudo realizado por Campbell e colaboradores (2004), com uma amostra de 576 participantes (idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos), os quais foram divididos em dois grupos, sendo que o grupo exposto a informações descritivas e explicativas demonstraram níveis superiores de intenção comportamental. No estudo de Triliva e colaboradores (2009), desenvolvido na Grécia, com 220 alunos do 1.º ao 6.º ano de escolaridade, também se verificou atitudes mais positivas e maior conhecimento sobre as incapacidades e barreiras inerentes às mesmas, bem como o estabelecimento de mais contacto com alunos/as com incapacidades após a intervenção.

A respeito das intervenções baseadas na simulação, e à semelhança das anteriores, estas têm demonstrado ser uma metodologia eficaz para promover atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades (Hurst, Corning, & Ferrante, 2012; Pivik et al., 2002).

De destacar que, em Portugal, Alves (2015) realizou um programa de intervenção com o objetivo de sensibilizar os/as alunos/as para a incapacidade. Este programa contou com a participação de três turmas do 5.º ano de escolaridade, onde duas usufruíram da intervenção e a restante serviu como grupo de controlo. Nesta intervenção participaram 54 alunos/as. O programa desenvolvido foi constituído por oito sessões semanais com uma duração de 50 minutos cada, onde foram fornecidas aos/às participantes informações sobre a temática, através da realização de fichas, simulações, visualizações de vídeos, *brainstorming* e *roleplaying*, abrangendo assim todas as dimensões das atitudes – cognitiva (informação), afetiva (capacidade empática, realizada através de simulações) e comportamental (o contacto com incapacidades,

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

através de uma visita de estudo a uma Unidade de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo-cegueira Congénita). Este programa revelou efeitos positivos, sobretudo ao nível dos conhecimentos adquiridos e da modificação de crenças e sentimentos perante os pares com incapacidades.

### **2. Fatores individuais associados às atitudes face à inclusão**

Numa revisão da literatura levada a cabo por De Boer e colaboradores (2012) e em estudos realizados por Gonçalves e Lemos (2014) e Vignes e colaboradores (2009), foi possível verificar que as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades são influenciadas por múltiplos fatores, podendo estes ser de natureza individual ou contextual. Por este motivo, torna-se crucial compreender quais são os fatores que contribuem para que os/as alunos/as tenham atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

Neste sentido, no ponto que se segue iremos abordar alguns dos fatores individuais que podem ajudar a explicar a variabilidade a nível das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades. Note-se, no entanto, que além dos fatores individuais, é possível encontrar na literatura referência à importância de considerar fatores de natureza contextual, como por exemplo, a cultura escolar (e.g., ambiente de sala de aula, atitudes dos/das pais/mães e dos/as professores/as), a integração dos/as alunos/as com incapacidades nas salas de aula regulares e os apoios/suportes disponibilizados (Alves, 2015; Martins, 2011).

Atendendo às variáveis em análise no presente trabalho, consideramos a seguir alguns dos estudos de referência que analisaram o papel de fatores sociodemográficos, nomeadamente o sexo e a idade, da experiência de contacto e da proximidade com pessoas com incapacidades, e de variáveis psicológicas como a empatia, a autoestima e

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

a satisfação global com a vida, nas atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades.

### **2.1. Fatores sociodemográficos**

Vários estudos têm-se focado na relação entre as atitudes dos/as alunos/as face à inclusão dos pares com incapacidades e os fatores sociodemográficos, nomeadamente o sexo e a idade.

No que concerne a variável sexo, foram conduzidos vários estudos, com diferentes faixas etárias, em diversos países, como França (Vignes et al., 2009), Bélgica (Bossart et al., 2011), Nigéria (Olaleye et al., 2012), Reino Unido (Laws & Kelly, 2005; Nikolarazi & De Reybekiel, 2001), Estados Unidos da América (Nabors & Larson, 2002; Siperstein, Parker, Bardon, & Widaman, 2007; Slininger, Sherrill & Jankowski, 2000), Canadá (Nowicki, 2006), Barbados (Blackman, 2016) e Portugal (Alves, 2015; Dias et al., 2016; Gonçalves & Lemos, 2014). Em geral, os resultados obtidos nos diversos trabalhos têm sugerido uma associação entre o sexo e as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades, sendo que se verifica, tendencialmente, uma maior proporção de atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades no sexo feminino comparativamente ao sexo masculino.

Todavia, quando analisamos estudos focados nas dinâmicas relacionais entre sexo e as diferentes dimensões das atitudes (afetiva, cognitiva e comportamental), verificam-se algumas inconsistências. Alves (2015) documentou no seu trabalho que as raparigas apresentam por norma atitudes mais positivas em todas as dimensões, com exceção da dimensão afetiva. Contudo, estudos como o de Dias e colaboradores (2016) e o de Gonçalves e Lemos (2014) verificaram que indivíduos do sexo feminino tendem a ter pontuações mais elevadas nas dimensões afetiva e total e nas dimensões cognitiva e

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

comportamental, respetivamente. Note-se, ainda, que no estudo de Blackman (2016) não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas nas componentes afetiva e comportamental.

Em suma, apesar de alguma divergência verificada nos resultados obtidos a nível das dimensões das atitudes, surge uma tendência clara, na literatura, para que o sexo feminino apresente atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

Quando analisamos a literatura sobre a relação entre a idade e as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades, verificam-se algumas incongruências. Estudos realizados com alunos/as dos 3 aos 9 anos (Nabors & Larson, 2002) e dos 4 aos 10 anos (Nowicki, 2006) reportam que alunos/as mais velhos/as tendem a ter atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. No estudo levado a cabo por Alves (2015), realizado com crianças e adolescentes dos 8 aos 18 anos, foi possível encontrar associações estatisticamente significativas positivas entre as atitudes face à inclusão e o ciclo de ensino dos/as participantes (i.e., as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades eram mais positivas quanto maior fosse o ciclo de ensino). Assumindo que, em geral, quanto maior o nível de escolaridade, maior é a idade dos/as alunos/as, podemos concluir que também neste estudo alunos/as mais velhos/as tendiam a apresentar atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

Contudo, é também possível encontrar na literatura estudos onde se verificaram correlações estatisticamente significativas negativas entre as variáveis em questão, i.e., as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades são mais negativas quanto maior for a idade dos/das participantes (Afonso, 2011; Campbell et al., 2004; Hughes, 2013; Ribeiro, 2015; Swaim & Morgan, 2001). Tal como é possível verificar na tabela 1, existem ainda estudos onde se verificou a ausência de associações estatisticamente significativas entre as variáveis idade e atitudes face à inclusão dos pares com

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

incapacidades (Blackman, 2016; Bossaert et al., 2011; Santos, 2014; Siperstein et al., 2007; Vignes et. al., 2009).

### **Tabela 1.**

*Síntese da literatura que analisou a relação entre a idade e as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades*

<b>Autores</b>	<b>País</b>	<b>Amostra e idade</b>	<b>Principais resultados</b>
Alves, 2015	Portugal	$N = 1038$ ; 8 aos 18 anos	Alunos/as mais velhos/as apresentam atitudes mais positivas face à inclusão.
Nowicki, 2006	Canadá	$N = 100$ ; 4 a 10 anos	
Nabors & Larson, 2002	EUA	$N = 262$ ; 3 aos 9 anos	
Dias et al., 2016	Portugal	$N = 475$ ; 10 aos 16 anos	Alunos/as mais velhos/as apresentam atitudes mais negativas face à inclusão.
Ribeiro, 2015	Portugal	$N = 206$ ; 10 a 15 anos	
Hughes, 2013	EUA	$N = 300$ , 15 aos 60 anos ( $M = 20.08$ )	
Afonso, 2011	Portugal	$N = 520$ ; 10 aos 20 anos	
Campbell et al., 2004	EUA	$N = 576$ ; 8 aos 12 anos	
Swaim & Morgan, 2001	EUA	$N = 233$ ; $M = 9.12$ para 3.º ano e $M = 12.02$ para o 6.º ano	
Blackman, 2016	Barbados	$N = 178$ ; 7 aos 12 anos	Ausência de associação entre as variáveis.
Bossaert et al., 2011	Bélgica	$N = 167$ ; 11 aos 20 anos	
Santos, 2014	Portugal	$N = 109$ ; 8 a 11 anos	
Siperstein et al., 2007	EUA	$N = 5837$ ; 11 aos 15 anos	
Vignes et. al., 2009	França	$N = 1509$ ; 12 e 13 anos	

Apesar dos resultados da investigação a nível da relação entre a idade e as atitudes face à inclusão serem inconsistentes, provavelmente também pela heterogeneidade da faixa etária das amostras em questão, esta pode estar associada às fases desenvolvimentais dos alunos. Ryan (1981, como citado por Alves, 2015) verificou que as atitudes tendem a ser mais positivas na infância, no início da adolescência e na idade adulta, sendo que a adolescência é uma fase desenvolvimental marcada por atitudes mais negativas.

## **2.2. Contacto e proximidade com pessoas com incapacidades**

O contacto direto com pessoas com incapacidades e a proximidade que é estabelecida com as mesmas através de experiências de sociabilização tem sido um fator identificado como determinante no que concerne à formação de atitudes positivas face à inclusão (Georgiadi et al., 2012; Nikolarazi et al., 2005).

Resultados da investigação têm sugerido que atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades estão associadas a um maior contacto e proximidade com estes (Alves, 2015; Armstrong, Morris, Abraham, Ukoumunne, & Tarrant, 2016; Budisch, 2004; Dias et al., 2016; Gonçalves & Lemos, 2014; Hughes, 2013; Keller & Siegrist, 2010; McGregor, 2003; Vignes et al., 2009). Estes resultados vêm reforçar a importância que a acessibilidade representa na formulação de atitudes, pois como foi previamente mencionado quanto maior a familiarização com determinado objeto, mais rapidamente é formulado um julgamento avaliativo (Lima, 2006).

Vários autores (e.g., Alves, 2016; Dias et al., 2016; Vignes et al., 2009) verificaram nos seus estudos que os/as participantes que tinham um familiar direto com incapacidade apresentavam atitudes mais positivas face à inclusão do que aqueles/as que não tinham, sendo que as atitudes eram mais positivas quando o/a familiar se tratava de alguém próximo (e.g., pai, mãe, irmão/ã). Dias e colaboradores (2016), assim como Gonçalves e Lemos (2014), procuraram ainda analisar nos seus estudos a existência de associações específicas entre as dimensões das atitudes face à inclusão e o contacto e a proximidade com pessoas com incapacidades. Em ambos os estudos verificou-se que pessoas com familiares e/ou com amigos/as com incapacidades tendem a apresentar pontuações mais elevadas na dimensão afetiva, sendo que ainda foi possível encontrar uma associação positiva com a dimensão cognitiva, no estudo de

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Dias e colaboradores (2016), e com a dimensão comportamental, no estudo de Gonçalves e Lemos (2014).

### **2.3. Empatia**

A empatia refere-se a uma resposta emocional associada à capacidade que a pessoa tem em reconhecer, compreender e partilhar as emoções presentes nos/as outros/as. Esta competência surge nos primeiros anos de vida e tende a ser desenvolvida ao longo da adolescência, em paralelo com o desenvolvimento cognitivo, mais concretamente com o pensamento formal, podendo ser treinada ao longo de todo o período desenvolvimental (Ferronha, Almeida, Oliveira, Teixeira de Sousa, & Sousa, 2014).

Note-se, ainda, que esta competência está relacionada com a habilidade que as crianças e os/as adolescentes apresentam em experienciar emoções (tanto positivas como negativas) e desempenha um papel crucial no seu desenvolvimento pessoal e social, uma vez que facilita a integração social e a coesão dentro da comunidade (Ceconello & Koller, 2000; Villadangos, Errasti, Amigo, Jolliffe, & García-Cueto, 2016).

A empatia é resultante da interação entre fatores afetivos e cognitivos, havendo, por este motivo, dois tipos de empatia:

- (i) *Empatia afetiva*, que diz respeito à capacidade que a pessoa apresenta para experienciar e partilhar as emoções com o/a outro/a, isto é, de compreender qual o sentimento que está no/a outro/a e de o mesmo ser congruente com sentimentos que este já experienciou;
- (ii) *Empatia cognitiva*, que se traduz na capacidade que a pessoa tem de compreender e de prever os comportamentos dos/as outros/as, sendo que esta compreensão é realizada através da análise que a mesmo faz dos

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

estados emocionais, sendo esta facilitadora do diálogo e do entendimento relacional (Ferronha et al., 2014).

A empatia é uma variável fundamental para o desenvolvimento moral, tomadas de decisões, elaboração de representações mentais e para o estabelecimento de relações sociais (Crawley & Suarez, 2016; Da Nóbrega, 2010). Assim, a promoção da empatia acarreta diversos benefícios, tais como o aumento de comportamentos pró-sociais (e.g., ajudar, cooperar e partilhar) e uma melhoria ao nível da gestão emocional e na saúde mental (Tueros, 2015).

Apesar da escassez de investigação realizada até à data sobre a relação entre a empatia e as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades, os resultados obtidos nos estudos parecem ser consistentes, indicando a existência de uma associação positiva. Com efeito, num estudo desenvolvido por Rathbone (2013), na Irlanda, junto de 150 estudantes do ensino superior, verificou-se que os/as estudantes com maiores níveis de empatia apresentavam atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. O mesmo resultado foi possível encontrar num estudo levado a cabo por Hughes (2013), com uma amostra de 300 participantes (180 estudantes do ensino secundário e 114 do ensino superior). Apesar de se encontrarem associações estatisticamente significativas positivas, é importante referir que estes estudos não foram desenvolvidos com adolescentes.

### **2.4. Autoestima**

O autoconceito e a autoestima são dois conceitos indissociáveis, sendo que o primeiro remete para as perceções que cada pessoa tem acerca de si própria e que são desenvolvidas através das interações com outros/as (i.e., pares, família), enquanto a autoestima refere-se a um conjunto de crenças e de atitudes onde cada pessoa constrói

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

uma ideia sobre si própria, através das suas experiências e da avaliação que faz acerca das suas perceções (Duclos, 2006; Leite, 2017).

A autoestima é influenciada por quatro fatores:

- (i) *Afeto e elogios*, que se referem à perceção do valor que os/as outros/as lhe atribuem;
- (ii) *Perceção de estatuto*, que se refere ao resultado das experiências bem-sucedidas;
- (iii) *Sucesso*, que diz respeito às aspirações que a pessoa tem em relação a si própria;
- (iv) *Criticismo*, referente à forma como a pessoa lida com informação negativa a seu respeito (Leite, 2017).

A autoestima surge na infância a partir das interações com as figuras de vinculação, uma vez que são estas que fornecerem os primeiros dados, permitindo desta forma, a formação de uma imagem por parte da criança. Porém, a autoestima vai-se desenvolvendo ao longo da adolescência, através do contacto com outras pessoas (e.g., pares, pais/mães e professores/as) que assumem um papel fundamental no desenvolvimento da criança e influenciam os níveis de autoestima através de reforços ou punições. Importa salientar que, neste período, o desenvolvimento da autoestima encontra-se relacionada com a qualidade das relações que são estabelecidas entre a criança e as pessoas significativas (Duclos, 2006; Pratas, 2014).

Foram realizados vários estudos onde se analisou a relação entre as atitudes face à inclusão de pares com incapacidades e a autoestima. Num estudo realizado por De Laet e colaboradores (2013), cujo objetivo era explorar as atitudes dos/as estudantes holandeses relativamente a pessoas portadoras de deficiência auditiva, visual, motora e intelectual, foi possível verificar a existência de uma associação positiva entre as

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

atitudes face à inclusão e a autoestima. O mesmo padrão de resultados foi encontrado nos estudos de Findler, Vilchinsky e Werner (2007), com uma amostra de 132 universitários, e no estudo de Hughes (2013), que contou com a participação de estudantes do ensino secundário e superior. Contudo, num estudo desenvolvido por Keller e Siegrist (2010), tendo 950 adultos/as como participantes, verificou-se a ausência de relação entre a autoestima e as atitudes.

Através da análise destes estudos, e apesar de estes não incidirem na faixa etária correspondente à adolescência, conseguimos concluir que, na maioria, os estudos têm vindo a demonstrar que quanto maior for a autoestima das pessoas, mais positivas são as suas atitudes face à inclusão.

### **2.5. Satisfação global com a vida**

Tendo em conta que a satisfação global com a vida é uma dimensão subjetiva da qualidade de vida (Pereira, Teixeira, & Santos, 2012), começamos por definir o conceito de qualidade de vida, de modo a compreender as dinâmicas subjacentes a este.

A qualidade de vida é um construto transcultural e multidimensional, podendo ser descrito como a perceção que a pessoa tem acerca da sua vida, relativamente aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Importa mencionar que esta tende a ser influenciada pelos sistemas de culturais e pelos valores (WHOQOL Group, 1994 como citado por Canavarro et al., 2007). Assim, a qualidade de vida pode ser definida por componentes, o que permite operacionalizar de forma mais específica o próprio conceito. Desta forma, esta pode abranger uma dimensão mais objetiva, referente a condições da vida da pessoa que são quantificáveis (i.e., saúde, nível socioeconómico, lazer) ou subjetiva, que diz respeito às avaliações internas das pessoas (i.e., satisfação global com a vida, juízos, autoestima, emoções) (Huebner, 2004; Pereira et al., 2012).

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Alguns autores defendem que esta variável é crucial a nível psicossocial, educacional e na saúde de indivíduos com e sem incapacidades (Cowen, 1991), sendo que com o segundo grupo, esta tende a ser fundamental devido aos apoios que recebem (Huebner, 2004).

Assim, à semelhança da qualidade de vida, a satisfação global com a vida é um construto multidimensional, uma vez que deriva de várias avaliações cognitivas que a pessoa faz da sua vida em cinco domínios: escola, família, amizade, *self* e o ambiente, ou seja, o nível de satisfação que este apresenta com a família, amigos/as, comunidade, etc. Esta avaliação é fruto de uma apreciação específica ou global, podendo esta ser subjetiva ou genérica, apresentando implicações para a sua adaptação intra e interpessoal nos vários contextos da sua vida (Huebner, 2004).

São escassos os estudos que se focam na relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão de pares com incapacidades. Porém, destaca-se um estudo levado a cabo por Vignes e colaboradores (2009), realizado com 1509 estudantes do 7.º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos, onde foi possível verificar que alunos/as com maiores níveis de satisfação global com a vida apresentavam atitudes mais positivas face à inclusão de pares com incapacidades.

Em suma, tendo em conta a revisão da literatura apresentada previamente, é possível concluir a importância das atitudes dos/as alunos/as face à inclusão dos pares com incapacidades no âmbito da Educação Inclusiva, bem como a diversidade de fatores individuais associados. Posto isto, no próximo capítulo será apresentado o estudo empírico desenvolvido no âmbito da presente dissertação.

## Capítulo II. Estudo empírico

### 1. Objetivos, problemas e hipóteses de investigação

Como foi possível perceber ao longo da revisão da literatura apresentada previamente, são escassas as investigações em contexto nacional em torno da análise das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e dos fatores individuais a si associados. Neste sentido, atendendo à pertinência da temática e à escassez de investigação nacional neste âmbito, a presente investigação tem como objetivo geral contribuir para a compreensão da problemática das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, o qual é concretizado nos seguintes objetivos específicos:

1. Descrever as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades.
2. Analisar a relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e variáveis sociodemográficas (i.e., sexo, idade).
3. Analisar a relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e a experiência de contacto com pessoas com incapacidades.
4. Analisar a relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e variáveis psicológicas como a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida.

Tendo em conta os objetivos referidos e a revisão da literatura realizada, foram definidos os seguintes problemas e hipóteses de investigação:

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

**Problema 1:** Como se caracterizam as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades?

*Hipótese 1:* Espera-se que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades sejam tendencialmente positivas.

Os resultados da investigação têm demonstrado que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades tendem a ser, na sua globalidade, positivas (e.g., Afonso, 2011; Alves, 2015; Amaral, 2009; Bossaert et al., 2011; De Laat et al., 2013; Gore, 2015; Olaleye et al., 2012; Parada, 2014; Tirosh et al., 1997; Vignes et al., 2009).

**Problema 2:** Será que o sexo e a idade se relacionam com as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades?

*Hipótese 2:* Espera-se que as raparigas apresentem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades em comparação com os rapazes.

Diversos estudos têm documentado que as raparigas tendem a apresentar atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades em comparação com os rapazes (Alves, 2015; Blackman, 2016; Bossaert et al., 2011; Dias et al., 2016; Gonçalves & Lemos, 2014; Hughes, 2013; Laws & Kelly, 2005; Nabors & Larson, 2002; Nikolarazi & De Reybekiel, 2001; Nowicki, 2006; Olaleye et al., 2012; Siperstein et al., 2007; Slininger et al., 2000; Tirosh et al., 1997; Vignes et al., 2009).

*Hipótese 3:* Espera-se que os/as adolescentes mais novos/as apresentem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

A revisão da literatura permitiu perceber a inconsistência dos resultados da investigação no que respeita à relação existente entre as atitudes dos/as adolescentes

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

face à inclusão dos pares com incapacidades e a idade. Existem estudos que demonstram uma correlação positiva entre estas variáveis, ou seja, que alunos/as mais velhos/as tendem a apresentar atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades (Alves, 2015; Nabors & Larson, 2002; Nowicki, 2006). Contudo, também se encontram estudos que concluíram que alunos/as mais velhos/as tendem a apresentar atitudes mais negativas face à inclusão dos pares com incapacidades (Afonso, 2011; Campbell et al., 2004; Dias et al., 2016; Hughes, 2013; Ribeiro, 2015; Swaim & Morgan, 2001), assim como estudos onde não se encontraram associações entre estas duas variáveis (Blackman, 2016; Bossaert et al., 2011; Santos, 2014; Siperstein et al., 2007; Vignes et al., 2009).

Apesar desta inconsistência, optou-se por considerar na hipótese a existência de uma associação estatisticamente significativa negativa, atendendo aos resultados obtidos num maior número de estudos com amostras em termos de faixa etária próximas do presente trabalho.

**Problema 3:** Será que existem diferenças a nível das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função da experiência de contacto e de proximidade com pessoas com incapacidades dentro e fora da escola?

*Hipótese 4:* Espera-se que os/as adolescentes que têm contacto e proximidade com pessoas com incapacidades dentro e fora da escola apresentem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades em comparação com os que não possuem esse contacto/proximidade.

De acordo com a literatura, as atitudes tendem a ser mais positivas quanto maior a familiarização com determinado objeto, uma vez que é esta acessibilidade que permite a formulação de um julgamento avaliativo de forma mais rápida (Lima, 2006). Assim,

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

parece que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades são mais positivas quanto mais frequente for o contacto e a proximidade que é estabelecida entre os/as adolescentes e pessoas com incapacidades (Alves, 2015; Armstrong et al., 2016; Bossaert et al., 2011; Budisch, 2004; Dias et al., 2016; Gonçalves & Lemos, 2014; Hughes, 2013; Keller & Siegrist, 2010; McGregor, 2003; Vignes et al., 2009).

**Problema 4:** Será que existe uma relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, e a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida?

*Hipótese 5:* Espera-se que os/as adolescentes mais empáticos/as apresentem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

Apesar da escassez de investigação sobre a análise da associação entre estas variáveis, os estudos existentes sugerem a existência de uma associação positiva entre as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades e a empatia, ou seja, as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades são mais positivas em alunos/as com maiores níveis de empatia (Hughes, 2013; Rathbone, 2013).

*Hipótese 6:* Espera-se que os/as adolescentes com maior autoestima apresentem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

Como já foi referido anteriormente, no que diz respeito à associação entre as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades e a autoestima, a literatura existente apresenta resultados inconsistentes, ainda que um maior número de estudos documente a existência de uma associação positiva significativa entre estas duas variáveis (De Laat et al., 2013; Findler et al., 2007; Hughes, 2013). Neste sentido, a

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

hipótese definida no presente trabalho baseia-se nos resultados obtidos neste conjunto de estudos.

*Hipótese 7:* Espera-se que os/as adolescentes com maiores níveis de satisfação global com a vida apresentem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

No estudo realizado por Keller e Siegrist (2010) não foi possível encontrar uma associação entre as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades e a satisfação global com a vida, contudo, a amostra deste estudo incidiu numa população adulta. Por este motivo, a formulação desta hipótese parte dos resultados obtidos no estudo realizado por Vignes et al. (2009), onde se verificou que adolescentes com maiores níveis de satisfação global com a vida apresentavam atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades.

## **2. Método**

O presente estudo quantitativo segue um desenho transversal, baseado na técnica do inquérito por questionário, com todas as limitações inerentes a uma análise baseada no autorrelato.

### **2.1. Participantes**

Previamente à seleção dos/as participantes, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: alunos/as que se encontrassem nas faixas etárias entre os 12 e os 17 anos, que não apresentassem qualquer tipo de incapacidade e que frequentassem o 3.º ciclo do ensino básico.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

O presente estudo é constituído por uma amostra de conveniência, com uma dimensão de 190 alunos/as, das quais 43.7% eram do sexo feminino. A idade dos/as participantes variava entre os 12 e os 17 anos ( $M = 13.43$ ,  $DP = 1.26$ ). A tabela 2 apresenta a caracterização sociodemográfica dos/as participantes e respetivas figuras parentais.

**Tabela 2.**

*Caracterização sociodemográfica dos/as participantes e respetivas figuras parentais*

	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min. – Máx.</i>
<b>Sexo</b> ( $N = 188$ )					
Feminino	83	43.7			
Masculino	105	55.3			
<b>Idade</b> ( $N = 187$ )			13.43	1.26	12 – 17
<b>Escola</b>					
A	137	72.1			
B	53	27.9			
<b>Ano de escolaridade</b> ( $N = 187$ )					
7.º ano	87	45.8			
8.º ano	49	25.8			
9.º ano	51	26.8			
<b>Idade do pai</b> ( $N = 179$ )			44.28	5.59	30 – 59
<b>Habilitações literárias do pai</b> ( $N = 172$ )					
1.º ciclo	18	9.5			
2.º ciclo	48	25.3			
3.º ciclo	48	25.3			
Curso profissional	17	8.9			
Secundário	32	16.8			
Licenciatura	6	3.2			
Mestrado	2	1.1			
Doutoramento	1	0.5			
<b>Idade mãe</b> ( $N = 189$ )			42.24	5.45	30 – 57
<b>Habilitações literárias da mãe</b> ( $N = 178$ )					
1.º ciclo	13	6.8			
2.º ciclo	37	19.5			
3.º ciclo	47	24.7			
Curso profissional	13	6.8			
Secundário	45	23.7			
Licenciatura	16	8.4			
Mestrado	4	2.1			
Doutoramento	3	1.6			

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Os/as alunos/as faziam parte de um agrupamento de escolas da região norte, sendo que 137 (72.1%) frequentavam a escola A e os restantes 53 (27.9%) a escola B. No que respeita ao ano de escolaridade, 45.8% dos/as participantes frequentavam o 7.º ano, 25.8% o 8.º ano, e 26.8% o 9.º ano do ensino básico.

Relativamente aos dados referentes à díade parental, a média de idades para a figura paterna era de 44 anos ( $DP = 5.59$ ) e de 42 anos para a figura materna ( $DP = 5.45$ ). No que concerne às habilitações literárias das figuras parentais, aproximadamente metade dos pais e das mães dos/as participantes possuía apenas o ensino básico, verificando-se, no entanto, uma maior percentagem de mães com um nível superior de habilitações literárias.

**Tabela 3.**

*Experiência de contacto dos/as participantes com pessoas com incapacidades*

	<i>n</i>	%
<b>Colega com incapacidades na escola</b>		
Sim	158	83.2
Não	32	16.8
<b>Convivência com colega com incapacidades na escola (<i>N</i> = 152)</b>		
Sim	63	41.4
Não	89	58.6
<b>Colega com incapacidades na turma (<i>N</i> = 186)</b>		
Sim	87	46.8
Não	99	53.2
<b>Convivência com pessoas com incapacidades fora da escola</b>		
Sim	55	28.9
Não	135	71.1
<b>Pessoas com incapacidades que convive fora da escola (<i>N</i> = 55)</b>		
Irmão/ã	1	1.8
Vizinho/a	3	5.5
Amigo(s)/a(s)	22	40.0
Tio/a	9	16.4
Primo/a e vizinho/a	2	3.6
Primo/a	12	21.8
Irmã da tia	1	1.8
Mãe e irmão	1	1.8
Amigo/a e vizinho/a	2	3.6
Tio/a – Avô/ó	2	3.6
<b>Regularidade com que convive com pessoas com incapacidades fora da escola (<i>N</i> = 55)</b>		
Menos de uma vez por mês	20	36.4
Pelo menos uma vez por mês	7	12.7
Pelo menos uma vez por semana	21	38.2
Todos os dias	7	12.7

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Os/as participantes foram ainda questionados sobre a sua experiência de contacto com pessoas com incapacidades na escola e/ou na turma, assim como fora da escola (cf. tabela 3). A maioria respondeu (83.2%) que tinha pelo menos um/a colega na escola com incapacidades, sendo que apenas 41.4% destes costumava a conviver com esse/a colega. Cerca de 46.8% dos/as adolescentes relataram ainda ter um/a colega com incapacidades na turma.

Relativamente à experiência de contacto com pessoas com incapacidades fora da escola, apenas 28.9% dos/as adolescentes responderam que sim, sendo que a maioria eram amigos/as (40%). A maior parte destes adolescentes costumam conviver com estas pessoas pelo menos uma vez por semana (38.2%) ou menos de uma vez por mês (36.4%).

### **2.2. Instrumentos**

Para a realização deste estudo foram aplicados cinco instrumentos, sendo estes: o questionário sociodemográfico, a *Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps Scale*, a Escala de Empatia Básica, a Escala de Auto-Estima de Rosenberg e a Escala de Satisfação Global com a Vida.

*Questionário sociodemográfico.* O questionário sociodemográfico utilizado no âmbito do presente estudo foi desenvolvido exclusivamente para o efeito com o objetivo de recolher informação de natureza sociodemográfica sobre os/as participantes e respetivas famílias (cf. anexo A). É constituído por quatro questões relativas aos/às participantes (i.e., idade, sexo e ano de escolaridade) e à família (i.e., idade, profissão e habilitações literárias). Foram ainda incluídas questões relacionadas com o contacto com pessoas com incapacidades dentro e fora da escola.

*Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps Scale (CATCH).* O CATCH trata-se de um instrumento, desenvolvido por Rosenbaum (1985) e adaptado

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

para a população portuguesa por Gonçalves e Lemos em 2014, que permite avaliar as atitudes face à inclusão de pares com incapacidades. Neste estudo foi utilizada uma versão reduzida da escala, sendo esta constituída por 19 itens distribuídos em três dimensões: afetiva, cognitiva e comportamental (cf. tabela 4). As opções de resposta de cada item organizam-se numa escala tipo *likert* de cinco pontos (Discordo completamente = 0; Discordo = 1; Não sei = 2; Concordo = 3 e Concordo completamente = 4). A pontuação total é realizada através da média dos itens multiplicando por 10, podendo variar entre 0 e 40, sendo que pontuações superiores equivalem à presença de atitudes mais positivas face à inclusão (Alves, 2015; Dias et al., 2016).

**Tabela 4.**

*Itens constituintes das dimensões do CATCH (Gonçalves & Lemos, 2014)*

Dimensões	Itens						
Afetiva	6	7	10	11	15*	17	
Cognitiva	1	2	5*	12*	14	19	
Comportamental	3	4	8*	9*	13	16	18*

<sup>1</sup>\*Itens invertidos

Apesar da solução fatorial publicada por Gonçalves e Lemos (2014) ser constituída por dois fatores (cognitiva e comportamental/afetiva) com valores de consistência interna adequados (*alfa de Cronbach*), isto é, de .66 para a subescala cognitiva (6 itens) e de .88 para a comportamental/afetiva (13 itens), optou-se, por recomendação das autoras, pela análise no presente estudo da pontuação total e de três fatores teóricos: escala global ( $\alpha = .89$ ); cognitiva ( $\alpha = 0.65$ ); afetiva ( $\alpha = .80$ ); comportamental ( $\alpha = .80$ ).

*Escala de Empatia Básica (BES)*. A BES foi desenvolvida por Jolliffe e Farrington (2005) e adaptada para a população portuguesa por Anastácio, Vagos, Nobre-Lima, Rijo e Jolliffe em 2016. Esta escala permite avaliar a empatia em adolescentes dos 12 aos 18 anos de idade e é constituída por 16 itens distribuídos em duas dimensões – afetiva e

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

cognitiva (cf. Tabela 5) – com cinco opções de resposta que variam entre “Discordo totalmente” e “Concordo totalmente”. A pontuação total da escala e respectivas subescalas é obtida através da soma dos valores obtidos em cada um dos itens constituintes, sendo que quanto maior o valor obtido, maior é o nível de empatia (Anastácio, et al., 2016).

**Tabela 5.**

*Itens constituintes das dimensões da BES (Anastácio, Vagos, Nobre-Lima, Rijo, & Jolliffe, 2016)*

<b>Dimensões</b>	<b>Itens</b>							
Afetiva	1*	2	5*	6*	9	11*	14	15*
Cognitiva	3	4*	7	8	10	12	13	16*

<sup>1\*</sup>Itens invertidos

Este instrumento apresenta boas qualidades psicométricas, com valores de *alfa de Cronbach* de .80 para a escala total, .70 para a dimensão afetiva e .80 para a dimensão cognitiva (Anastácio et al., 2016). No presente estudo, os valores de consistência interna foram adequados, especificamente de .76 para a escala total, de .73 para a dimensão afetiva e de .70 para a dimensão cognitiva.

*Escala de Auto-Estima de Rosenberg (RSES).* A Escala de Auto-estima de Rosenberg foi desenvolvida em 1989, e adaptada à população portuguesa por Pechorro, Marôco, Poiares e Vieira em 2011. Esta escala avalia a autoestima em adolescentes e adultos/as e é constituída por 10 itens com quatro opções de resposta (Discordo fortemente = 0, Discordo = 1, Concordo = 2 e Concordo Fortemente = 3). A pontuação desta escala é realizada através da soma das pontuações obtidas em cada um dos itens (tendo em consideração a inversão dos itens 2, 5, 6, 8 e 9), podendo variar entre 0 e 30. Note-se que quanto maior o valor obtido, maior é a autoestima do indivíduo (Pechorro et al., 2011). A consistência interna dos dados obtidos através deste instrumento na amostra escolar do estudo de Pechorro e colaboradores (2011) foi bastante satisfatória

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

( $\alpha = .81$ ), sendo muito semelhante ao índice de fidelidade obtido no presente estudo ( $\alpha = .85$ ).

*Escala de Satisfação Global com a Vida (SLSS)*. A SLSS é uma escala de autorrelato que tem como objetivo avaliar a satisfação global com a vida de indivíduos com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, tendo sido construída originalmente por Huebner (2004) e adaptada para a população portuguesa por Marques, Pais-Ribeiro e Lopez em 2007. A SLSS é constituída por sete itens com seis opções de resposta (Discordo totalmente = 1, Discordo moderadamente = 2, Discordo pouco = 3, Concordo pouco = 4, Concordo moderadamente = 5 e Concordo totalmente = 6). A pontuação total resulta da soma das pontuações obtidas em cada um dos itens (após inversão dos itens 3 e 4), podendo variar entre 7 e 42. Quanto maior o valor obtido, maior é o índice de satisfação global com a vida (Marques et al., 2007). Este instrumento apresenta boas capacidades psicométricas, sendo de destacar que no estudo de Marques e colaboradores (2007) o valor do coeficiente de *alfa de Cronbach* foi de .86. No presente estudo obteve-se igualmente um valor adequado de consistência interna dos dados ( $\alpha = .82$ ).

### **2.3. Procedimentos**

Numa fase prévia à recolha de dados foi enviado, por e-mail, um pedido de autorização (cf. Anexo B) para uma professora que se disponibilizou a mediar o contacto com a Diretora responsável por um agrupamento de escolas da região norte e a auxiliar no processo de recolha de dados. Após obtida autorização da Diretora, a mestrande reuniu com a professora no sentido de seleccionar as turmas constituintes da amostra, entregar os pedidos de autorização para os/as encarregados/as de educação (cf. anexo C) e agendar datas para a realização da recolha de dados.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

A recolha de dados foi realizada pela mestranda, entre março e junho de 2018, durante as aulas de cidadania. Num momento inicial, a mestranda verificava quais os/as encarregados/as de educação que tinham autorizado a participação dos/as filhos/as no estudo, expondo de seguida oralmente os objetivos do estudo, os princípios de anonimato e de confidencialidade dos dados, o facto de a participação ser voluntária e a possibilidade de desistirem a qualquer momento. No final, era dado espaço para os/as alunos/as colocarem questões.

Após esta fase introdutória, eram distribuídos pelos/as alunos/as, cujos/as encarregados/as de educação tinham autorizado a sua participação no estudo, os consentimentos informados (cf. Anexo D). Após o seu preenchimento e respetiva recolha, foi realizada a entrega do protocolo de recolha de dados aos/às alunos/as que concordavam participar. De modo a impossibilitar a correspondência entre consentimentos informados e protocolos de recolha de dados, e a salvaguardar a confidencialidade e anonimato dos dados, os documentos foram armazenados em *dossiers* diferentes.

### **3. Apresentação e discussão de resultados**

#### **3.1. Apresentação dos resultados**

De seguida são apresentados os resultados obtidos a partir das análises estatísticas descritivas e inferenciais efetuadas no *IBM SPSS Statistics* – versão 20, após inserção e limpeza dos dados. A tabela 6 apresenta as estatísticas descritivas das principais variáveis em estudo.

Relativamente ao primeiro problema de investigação, procurou-se analisar os resultados descritivos obtidos a nível das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades. De acordo com os resultados apresentados na tabela 6,

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

importa salientar que os valores médios para a dimensão afetiva foram de 26.13 ( $DP = 6.56$ ), para a dimensão cognitiva de 31.99 ( $DP = 4.96$ ), para dimensão comportamental de 28.87 ( $DP = 6.64$ ) e, por fim, para o total da escala de 29.00 ( $DP = 5.17$ ). Tendo por base os valores médios obtidos, podemos concluir que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades são tendencialmente positivas. Note-se, no entanto, que atendendo aos valores mínimos e máximos obtidos, é notória a variabilidade entre os/as participantes a nível das suas atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades.

**Tabela 6.**

*Estatísticas descritivas das principais variáveis em estudo*

	$\alpha$	$M (DP)$	<i>Mín. – Máx.</i>
<b>Atitudes face à inclusão</b>			
Dimensão afetiva	.80	26.13 (6.56)	0.00 – 40.00
Dimensão cognitiva	.65	31.99 (4.96)	16.67 – 40.00
Dimensão comportamental	.80	28.87 (6.64)	0.00 – 40.00
Escala total	.89	29.00 (5.17)	5.26 – 40.00
<b>Empatia</b>			
Empatia cognitiva	.70	32.48 (4.41)	18.00 – 40.00
Empatia afetiva	.73	29.36 (5.85)	12.00 – 40.00
Empatia global	.76	61.84 (8.42)	35.00 – 79.00
<b>Autoestima</b>	.85	19.47 (5.35)	4.00 – 30.00
<b>Satisfação global com a vida</b>	.82	27.16 (7.44)	7.00 – 42.00

No que concerne o segundo problema de investigação, procurou-se analisar a relação entre as variáveis sexo e idade e as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades. Para tal, recorreu-se ao teste *t* de *Student* para amostras independentes no caso da variável sexo e à correlação momento produto de *Pearson* no caso da variável idade. Os resultados obtidos encontram-se apresentados nas tabelas 7 e 8, respetivamente.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

**Tabela 7.**

*Atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função do sexo*

	<b>Rapazes</b> (n = 105)	<b>Raparigas</b> (n = 83)	<i>t</i> (gl)	<i>p</i>
	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)		
<b>Atitudes face à inclusão</b>				
Dimensão afetiva	24.90 (7.23)	27.49 (5.21)	2.75 (186)	.007
Dimensão cognitiva	31.15 (5.35)	33.06 (4.20)	2.66 (186)	.009
Dimensão comportamental	27.11 (7.21)	31.05 (5.08)	4.22 (186)	.000
Escala total	27.69 (5.78)	30.57 (3.76)	3.93 (186)	.000

Através da análise da tabela 7, é possível verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas em todas as dimensões e na pontuação total obtida nas atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades: afetiva,  $t(186) = 2.75$ ,  $p < .05$ ; cognitiva,  $t(186) = 2.66$ ,  $p < .05$ ; comportamental,  $t(186) = 4.22$ ,  $p < .05$ ; e pontuação total,  $t(186) = 3.93$ ,  $p < .05$ . Tendo por base os valores médios obtidos por cada um dos grupos, é possível concluir que as raparigas relataram atitudes significativamente mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades, comparativamente aos rapazes, em todas as dimensões das atitudes e na escala total.

**Tabela 8.**

*Correlações Momento Produto de Pearson entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função da idade*

	<b>Idade</b>
<b>Atitudes face à inclusão</b>	
Dimensão afetiva	-.153*
Dimensão cognitiva	.045
Dimensão comportamental	-.119
Escala total	-.101

*Nota.* \* $p < .05$

No que se refere à idade, tal como é possível verificar na tabela 8, os resultados obtidos sugerem a existência de uma associação estatisticamente significativa negativa entre esta variável e as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades, apenas a nível da dimensão afetiva ( $r = -.153$ ,  $p < .05$ ). De acordo com este resultado, os/as

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

alunos/as mais velhos/as tendem a relatar atitudes mais negativas face à inclusão dos pares com incapacidades.

Para responder ao terceiro problema de investigação, o qual previa verificar a existência de diferenças a nível das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função da sua experiência de contacto com pessoas com incapacidades dentro e fora da escola, procedeu-se mais uma vez ao cálculo do teste *t* de *Student* para amostras independentes (cf. tabelas 9 e 10).

### Tabela 9.

*Atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função do contacto com pares com incapacidades na turma*

	Contacto com pares com incapacidades na turma		<i>t</i> ( <i>gl</i> )	<i>p</i>
	Sim	Não		
	( <i>n</i> = 87)	( <i>n</i> = 99)		
	<i>M</i> ( <i>DP</i> )	<i>M</i> ( <i>DP</i> )		
<b>Atitudes face à inclusão</b>				
Dimensão afetiva	25.80 (6.77)	26.20 (6.36)	-0.41 (184)	.680
Dimensão cognitiva	32.36 (5.25)	31.67 (4.64)	0.94 (184)	.348
Dimensão comportamental	28.58 (7.18)	28.97 (6.14)	-0.39(184)	.695
Escala total	28.90 (5.66)	28.95 (4.71)	-0.06 (184)	.951

No que se refere à experiência de contacto com pares com incapacidades na turma, é possível verificar, pela análise da tabela 9, a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as que referiram ter contacto e os/as alunos/as que referiam não ter contacto a nível das suas atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades.

No que diz respeito à experiência de contacto com pessoas com incapacidades fora da escola, os resultados revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as que referiram ter contacto e os/as alunos/as que referiam não ter contacto a nível das atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades (ainda que marginalmente significativa no caso da dimensão afetiva), à exceção da dimensão

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

cognitiva,  $t(188) = 0.83$ ,  $p > .05$ . Atendendo aos resultados descritivos de cada um dos grupos, os/as alunos/as com experiência de contacto com pessoas com incapacidades fora da escola relataram atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades, comparativamente aos/às alunos/as sem experiência de contacto com pessoas com incapacidades fora da escola.

**Tabela 10.**

*Atitudes dos/as adolescentes face à inclusão de pares com incapacidades em função do contacto com pessoas com incapacidades fora da escola*

	Contacto com pessoas com incapacidades fora da escola		<i>t</i> ( <i>gl</i> )	<i>p</i>
	Sim	Não		
	( <i>n</i> = 55)	( <i>n</i> = 135)		
	<i>M</i> ( <i>DP</i> )	<i>M</i> ( <i>DP</i> )		
<b>Atitudes face à inclusão</b>				
Dimensão afetiva	27.53 (6.12)	25.56 (6.67)	1.89 (188)	.060
Dimensão cognitiva	32.45 (4.87)	31.80 (5.00)	0.83 (188)	.407
Dimensão comportamental	30.54 (6.23)	28.19 (6.70)	2.23(188)	.027
Escala total	30.22 (4.70)	28.50 (5.29)	2.09 (188)	.038

Finalmente, apresentamos os resultados relativos ao quarto problema de investigação: Será que existe uma relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, e a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida? Para responder a este problema, procedeu-se a análises de correlação Momento Produto de *Pearson*.

**Tabela 11.**

*Correlações Momento Produto de Pearson entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida*

	Empatia afetiva	Empatia cognitiva	Empatia total	Autoestima	Satisfação global com a vida
<b>Atitudes face à inclusão</b>					
Dimensão afetiva	.234**	.292**	.315**	.026	.080
Dimensão cognitiva	.087	.202**	.166*	-.062	-.064
Dimensão comportamental	.217**	.255**	.285**	-.042	.007
Escala total	.223**	.301**	.313**	-.029	.015

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Conforme os resultados expostos na tabela 11, podemos verificar a existência de associações estatisticamente significativas entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão de pares com incapacidades e a empatia. Estes resultados sugerem que alunos/as com mais empatia tendem a apresentar atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Note-se que apenas não se verificou uma associação estatisticamente significativa entre a dimensão cognitiva das atitudes e a empatia afetiva ( $r = .087, p > .05$ ).

Relativamente à autoestima e à satisfação global com a vida, não se verificaram associações estatisticamente significativas com as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades (cf. tabela 11).

### **3.2. Discussão dos resultados**

Atendendo à revisão da literatura apresentada sobre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e aos resultados obtidos no presente estudo empírico, passamos à discussão dos resultados, sem antes relembrar os nossos problemas de investigação:

- (i) Como se caracterizam as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades?
- (ii) Será que o sexo e a idade se relacionam com as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades?
- (iii) Será que existem diferenças a nível das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função da experiência de contacto e de proximidade com pessoas com incapacidades dentro e fora da escola?

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- (iv) Será que existe uma relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, e a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida?

Relativamente ao primeiro problema de investigação, os resultados obtidos são congruentes com a literatura analisada, uma vez que permitiram concluir que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades são, em média, positivas (Afonso, 2011; Alves, 2015; Amaral, 2009; Bossaert et al., 2011; De Laat et al., 2013; Gore, 2015; Olaleye et al., 2012; Parada, 2014; Tirosh et al., 1997; Vignes et al., 2009), tendo-se confirmado a hipótese 1. Note-se, no entanto, a existência de variabilidade entre os/as adolescentes relativamente às suas atitudes, seja a nível dos conhecimentos relativos às incapacidades, do contacto e/ou intenção comportamental (dimensão comportamental) ou da capacidade empática.

No que diz respeito ao segundo problema de investigação, foram testadas duas hipóteses, esperando-se, assim, que as raparigas apresentassem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades em comparação com os rapazes e que os/as adolescentes mais novos/as apresentassem atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Ambas as hipóteses foram confirmadas. Com efeito, os resultados demonstraram que as raparigas apresentam atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades em comparação com os rapazes, tal como era esperado de acordo com vários estudos desenvolvidos previamente (Alves, 2015; Blackman, 2016; Bossaert et al., 2011; Dias et al., 2016; Gonçalves & Lemos, 2014; Hughes, 2013; Laws & Kelly, 2005; Nabors & Larson, 2002; Nikolarazi & De Reybekiel, 2001; Nowicki, 2006; Olaleye et al., 2012; Siperstein et al., 2007; Slininger et al., 2000; Tirosh, et al., 1997; Vignes et al., 2009). De acordo com vários autores, estes resultados podem estar relacionados com o facto de as raparigas apresentarem

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

características que levam a apresentar atitudes de maior tolerância e de proteção relativamente a pessoas que necessitam de ajuda, uma vez que estas tendem a estabelecer relações de maior grau de intimidade e de apoio e, conseqüentemente a serem mais atenciosas e carinhosas (Alves, 2015; Fishbein, 2002, como citado por Alves, 2015; Pratas, 2014).

No que concerne a relação entre a idade e as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão de pares com incapacidades, importa notar que apenas se verificou uma associação estatisticamente significativa com a dimensão afetiva das atitudes, sendo esta uma correlação negativa. Assim, a partir dos resultados obtidos a nível desta dimensão, foi possível concluir que as atitudes face à inclusão dos pares com incapacidades são mais positivas quanto mais novos/as forem os/as alunos/as. Este resultado vai ao encontro de uma grande parte dos estudos desenvolvidos nesta área (Afonso, 2011; Campbell et al., 2004; Dias et al., 2016; Hughes, 2013; Ribeiro, 2015; Swaim & Morgan, 2001) e parece estar relacionado com a intensidade e a complexidade das interações que são estabelecidas com os pares na adolescência (Alves, 2015; Carter & Hughes, 2005).

O terceiro problema de investigação previa a análise das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades em função da sua experiência de contacto com pessoas com incapacidades dentro e fora da escola. A hipótese 4 foi apenas parcialmente confirmada. Com efeito, relativamente à variável experiência de contacto com a incapacidade na turma, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. De acordo com um relatório recente, desenvolvido pelo Observatório da Deficiência e dos Direitos Humanos, em 2017, cerca de 57% dos/as alunos/as com incapacidades passavam menos de 40% do tempo letivo com a sua turma (Pinto & Pinto, 2017). Estes dados podem ajudar a explicar a ausência de resultados

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

estatisticamente significativos a este nível, uma vez que, o facto dos/as alunos/as com incapacidades estarem pouco tempo na sala de aula com os pares sem incapacidades dificulta o contacto e a proximidade entre eles.

Já no que concerne à experiência de contacto com a incapacidade fora da escola, foi possível verificar que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades são significativamente mais positivas quando os/as adolescentes relatam que conhecem alguém com incapacidades fora da escola, o que vai ao encontro do que é mencionado na literatura (Alves, 2015; Armstrong et al., 2016; Budisch, 2004; Dias et al., 2016; Gonçalves & Lemos, 2014; Hughes, 2013; Keller & Siegrist, 2010; McGregor, 2003; Vignes et al., 2009). Estes resultados vêm reforçar a importância do contacto e da proximidade na promoção de atitudes positivas face à inclusão dos pares com incapacidades, uma vez que o contacto direto pode contribuir para um maior entendimento e sensibilidade face a pessoas com incapacidades (Vignes et al., 2009). Note-se que, de acordo com os relatos dos participantes, apenas 28.9% parece ter experiência de contacto com pessoas com incapacidades fora da escola, sendo que a maioria são amigos/as (40%).

Finalmente, o quarto problema de investigação pretendia analisar a relação entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, e a empatia, a autoestima e a satisfação global com a vida. No que diz respeito à empatia, foi possível verificar associações estatisticamente significativas e positivas com as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, sendo que os resultados obtidos vão ao encontro dos resultados de Rathbone (2013) e Hughes (2013), o que nos permite confirmar a hipótese 5. Estes resultados revelam assim que adolescentes com níveis superiores de empatia tendem a apresentar atitudes mais positivas face à inclusão

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

dos pares com incapacidades, destacando a importância de promover esta competência junto dos/as alunos/as com vista à educação inclusiva.

A sexta e a sétima hipóteses não foram confirmadas, uma vez que não se encontraram associações estatisticamente significativas entre as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades e as variáveis autoestima e satisfação global com a vida.

No que concerne aos resultados relativos à autoestima, é possível verificar que estes não são coerentes com a maioria dos resultados apresentados na literatura (De Laat et al., 2013; Findler et al., 2007; Hughes 2013). Contudo, estes vêm a reforçar os resultados obtidos no âmbito do estudo realizado por Keller e Siegrist (2010), indicando que níveis mais elevados de autoestima não se encontravam associados a atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Já os resultados referentes ao nível de satisfação global com a vida, vêm de certo modo contrariar os resultados de Vignes e colaboradores (2009) e reforçar os resultados obtidos por Keller e Siegrist (2010), indicando que níveis superiores de satisfação global com a vida não se encontram associados a atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Apesar destas variáveis não se encontrarem associadas às atitudes face à inclusão, seria interessante desenvolver mais estudos neste domínio de modo a explorar melhor estas associações, atendendo à literatura que aponta que alunos/as com maior autoestima tendem a desenvolver relações interpessoais de melhor qualidade (Duclos, 2006; Pratas, 2014) e que alunos/as com uma melhor perceção acerca da sua vida tendem a apresentar mais intenções comportamentais perante os pares com incapacidades (Vignes et al., 2009).

### **Considerações finais**

O presente estudo empírico procurou contribuir para a compreensão da problemática das atitudes de adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades, analisando especificamente a sua relação com variáveis de natureza individual, nomeadamente, idade, sexo, experiência de contacto com pessoas com incapacidades, empatia, autoestima e satisfação global com a vida.

Os resultados obtidos permitiram constatar que as atitudes dos/as adolescentes face à inclusão são, em geral, positivas, o que nos leva a acreditar na probabilidade destes/as apresentarem comportamentos de maior aceitação face às incapacidades dos pares (Dias et al., 2016; Omote, 2016), sendo estes fundamentais para inclusão de alunos/as com incapacidades. Adicionalmente, os resultados do presente estudo reforçam que o sexo, a idade, a experiência de contacto com pessoas com incapacidades fora da escola e a empatia constituem fatores de natureza individual determinantes das atitudes dos/as adolescentes face à inclusão de pares com incapacidades. Estes resultados vêm reforçar a importância de implementar intervenções destinadas a adolescentes baseadas no contacto e na proximidade, bem como a promoção de empatia juntos dos/as alunos/as sem incapacidades, com o objetivo de promover a inclusão nas escolas. Este estudo vem também, mostrar a necessidade de tornar este tema um assunto de discussão e de intervenção nas escolas, como forma de contribuir para o desenvolvimento de atitudes mais positivas face à inclusão dos pares com incapacidades. Importa assim destacar a importância do papel do/a psicólogo/a em contexto escolar, uma vez que este/a profissional é responsável por intervir junto de toda a comunidade educativa, de forma a desenvolver competências pessoais e sociais promotoras da inclusão, de relações interpessoais, da qualidade e da satisfação com a vida, prevenindo, assim, a violência e a discriminação (OPP, 2018).

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Como já foi referido anteriormente, os estudos focados nesta temática são escassos, sobretudo com a população portuguesa e nesta faixa etária em particular, distinguindo o presente estudo pela novidade e pertinência. No entanto, importa considerar as limitações do presente estudo, as quais impõem alguma cautela na interpretação dos nossos resultados.

O facto do presente estudo apresentar uma amostra de conveniência limita a generalização dos resultados para a população. Por outro lado, o uso de medidas de autorrelato, apesar de serem de rápida aplicação e de facilitarem a análise dos resultados, apresenta algumas desvantagens, nomeadamente, a resposta aleatória, questões ignoradas, a dificuldade em interpretar alguns dos itens e a desejabilidade social, o que pode ter influenciado os resultados obtidos.

Além disso, entendemos como limitação o facto do nosso estudo se debruçar apenas no estudo dos fatores individuais que estão associados às atitudes face à inclusão, não incluindo nas análises indicadores de fatores ambientais, como por exemplo, a cultura da escola e da sala de aula e as atitudes dos/as pais/mães e dos/as professores/as (Alves, 2015; Martins, 2011).

Assim, para investigações futuras, sugere-se:

- (i) Realizar estudos sobre esta temática, com uma amostra representativa da população;
- (ii) Analisar a relação entre as atitudes face à inclusão de pares com incapacidades e fatores ambientais;
- (iii) Contemplar dados de outros informantes, como os/as auxiliares educativos/as, uma vez que estes últimos assumem um papel de relevância nos tempos livres de crianças com incapacidades;

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- (iv) Comparar a perceção de inclusão entre alunos/as com incapacidades e alunos/as sem incapacidades;
- (v) Analisar a eficácia de diferentes tipos de intervenção destinadas a promover atitudes mais positivas de adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades.

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## Referências

- Afonso, F. (2011). *As atitudes dos alunos face à inclusão dos seus pares com deficiência nas aulas de educação física*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/3006>.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211.
- Alves, S. (2015). *Avaliação das atitudes de alunos do ensino básico face aos pares com incapacidades e ensaio exploratório de um programa de intervenção*. (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/102370/3/177867.pdf>.
- Amaral, J. T. M. F. (2009). *Atitudes dos alunos sem deficiência face à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física*. (Dissertação de Licenciatura). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Retirado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/12004>.
- Amiralian, M. L., Pinto, E. B., Ghirardi, M. I., Lichtig, I., Masini, E. F., & Pasqualin, L. (2000). Conceituando deficiência. *Revista de Saúde Pública*, 34, 97-103.
- Anastácio, S., Vagos, P., Nobre-Lima, L., Rijo, D., & Jolliffe, D. (2016). The Portuguese version of the Basic Empathy Scale (BES): Dimensionality and measurement invariance in a community adolescent sample. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(5), 614-623.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Armstrong, M., Morris, C., Abraham, C., Ukoumunne, O. C., & Tarrant, M. (2016). Children's contact with people with disabilities and their attitudes towards disability: a cross-sectional study. *Disability and Rehabilitation*, 38(9), 879-888.
- Blackman, S. (2016). Barbadian Students' Attitudes towards Including Peers with Disabilities in Regular Education. *International Journal of Special Education*, 31(1), 135-143.
- Bossaert, G., Colpin, H., Pijl, S. J., & Petry, K. (2011). The attitudes of Belgian adolescents towards peers with disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 32(2), 504-509.
- Budisch, K. (2004). Correlates of college students' attitudes toward disabilities. *Journal of Undergraduate Research*, 7, 1-5.
- Bunch, G., & Valeo, A. (2004). Student attitudes toward peers with disabilities in inclusive and special education schools. *Disability & Society*, 19(1), 61-76.
- Campbell, J. M., Ferguson, J. E., Herzinger, C. V., Jackson, J. N., & Marino, C. A. (2004). Combined descriptive and explanatory information improves peers' perceptions of autism. *Research in Developmental Disabilities*, 25(4), 321-339.
- Canavarro, M. C., Simões, M. R., Vaz Serra, A., Pereira, M., Rijo, D., Quartilho, M. J., & Carona, C. (2007). Instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde: WHOQOL-Bref. *Avaliação Psicológica: Instrumentos Validados para a População Portuguesa*, 3, 77-100.
- Carter, E. W., & Hughes, C. (2005). Increasing social interaction among adolescents with intellectual disabilities and their general education peers: Effective interventions. *Research and Practice for Persons with Severe Disabilities*, 30(4), 179-193.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Carvalho, M. (2011). *As atitudes dos professores face à inclusão de alunos com deficiência – o contacto com a deficiência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/2948>.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71-93.
- Conner, M., & Armitage, C. J. (1998). Extending the theory of planned behavior: A review and avenues for further research. *Journal of Applied Social Psychology*, 28(15), 1429-1464.
- Cowen, E. L. (1991). In pursuit of wellness. *American Psychologist*, 46(4), 404-408.
- Crawley, D., & Suarez, R. (2016). Empathy, social dominance orientation, mortality salience, and perceptions of a criminal defendant. *SAGE Open*, 6(1), 1-15.
- Da Nóbrega, R. (2010, junho). *Educação moral e empatia: Contribuições para a promoção de uma educação em/para os Direitos Humanos*. XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza. Retirado de <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3404.pdf>.
- De Boer, A., Pijl, S. J., & Minnaert, A. (2012). Students' attitudes towards peers with disabilities: A review of the literature. *International Journal of Disability, Development and Education*, 59(4), 379-392.
- De Laat, S., Freriksen, E., & Vervloed, M. P. (2013). Attitudes of children and adolescents toward persons who are deaf, blind, paralyzed or intellectually disabled. *Research in Developmental Disabilities*, 34(2), 855-863.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018 – I Série A.*

Ministério da Educação. Lisboa.

Dias, P., Sousa, J., Gonçalves, M., Flores, P., & Pérez, J. D. (2016). Atitudes dos pares sobre a inclusão: Contributos da adaptação de um instrumento. *Psicologia, 30*(2), 95-106.

Duclos, G. (2006). *A Auto-Estima: Um Passaporte para a Vida*. Lisboa: Climepsi Editores.

Ferronha, J., Almeida, A., Oliveira, L., Teixeira de Sousa, J., & Sousa, V. (2014). Estudo da vinculação e da empatia em adolescentes institucionalizados com acompanhamento psicológico no PIAC (plano integrado de apoio à comunidade). *Psicología del Desarrollo, 1*(1), 327-338.

Findler, L., Vilchinsky, N., & Werner, S. (2007). The multidimensional attitudes scale toward persons with disabilities (MAS): construction and validation. *Rehabilitation Counseling Bulletin, 50*(3), 166-176.

Fontes, A. P., Fernandes, A. A., & Botelho, M. A. (2010). Funcionalidade e incapacidade: aspectos conceptuais, estruturais e de aplicação da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). *Revista Portuguesa de Saúde Pública, 28*(2), 171-178.

Fragoso, F. M. R. A., & Casal, J. (2012). Representações sociais dos educadores de infância e a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, 18*(3), 527-546.

Georgiadi, M., Kalyva, E., Kourkoutas, E., & Tsakiris, V. (2012). Young children's attitudes toward peers with intellectual disabilities: Effect of the type of school. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities, 25*(6), 531-541.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Godeau, E., Vignes, C., Sentenac, M., Ehlinger, V., Navarro, F., Grandjean, H., & Arnaud, C. (2010). Improving attitudes towards children with disabilities in a school context: A cluster randomized intervention study. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 52(10), 236-242.
- Gonçalves, T., & Lemos, M. (2014). Personal and social factors influencing students' attitudes towards peers with special needs. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 112, 949-955.
- Gore, K. (2015). *Attitudes between students with disabilities and typically developing students* (Dissertação de Mestrado). Marshall University. Retirado de <https://mds.marshall.edu/etd/970/>.
- Hartwick, J., & Barki, H. (1994). Explaining the role of user participation in information system use. *Management Science*, 40(4), 440-465.
- Hehir, T., Grindal, T., Freeman, B., Lamoreau, R., Borquaye, Y. & Burke, S. (2016). Os benefícios da Educação Inclusiva para estudantes com e sem deficiência. *Alana*. Retirado de [https://alana.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Os\\_Beneficios\\_da\\_Ed\\_Inclusiva\\_final.pdf](https://alana.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Os_Beneficios_da_Ed_Inclusiva_final.pdf).
- Holtz, K. D., & Tessman, G. K. (2007). Evaluation of a peer-focused intervention to increase knowledge and foster positive attitudes toward children with Tourette syndrome. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 19(6), 531-542.
- Huebner, E. S. (2004). Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents. *Social Indicators Research*, 66(1-2), 3-33.
- Hughes, K. (2013). *Secondary school students' and college students' attitudes towards themselves, others and individuals with disabilities* (Pós-Graduação). Dublin Business School. Retirado de <https://esource.dbs.ie/handle/10788/1617>.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Hurst, C., Corning, K., & Ferrante, R. (2012). Children's acceptance of others with disability: The influence of a disability-simulation program. *Journal of Genetic Counseling, 21*(6), 873-883.
- Jackson, L. D., & Bracken, B. A. (1998). Relationship between students' social status and global and domain-specific self-concepts. *Journal of School Psychology, 36*(2), 233-246.
- Keller, C., & Siegrist, M. (2010). Psychological resources and attitudes toward people with physical disabilities. *Journal of Applied Social Psychology, 40*(2), 389-401.
- Laws, G., & Kelly, E. (2005). The attitudes and friendship intentions of children in United Kingdom mainstream schools towards peers with physical or intellectual disabilities. *International Journal of Disability, Development and Education, 52*(2), 79-99.
- Lee, Y., & Kozar, K. A. (2005). Investigating factors affecting the adoption of anti-spyware systems. *Communications of the ACM, 48*(8), 72-77.
- Leite, A. (2017). *Atitudes face a si próprio e envolvimento na escola: estudo com alunos do sistema aprendizagem em alternância*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Lisboa. Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/28411>.
- Lima, L. A. (2006). Estrutura e mudança. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Manetti, M., Schneider, B. H., & Siperstein, G. (2001). Social acceptance of children with mental retardation: Testing the contact hypothesis with an Italian sample. *International Journal of Behavioral Development, 25*(3), 279-286.
- Marques, S. C., Pais-Ribeiro, J. L., & Lopez, S. J. (2007). Validation of a Portuguese version of the students' life satisfaction scale. *Applied Research in Quality of Life, 2*(2), 83-94.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Marom, M., Cohen, D., & Naon, D. (2007). Changing disability-related attitudes and self-efficacy of Israeli children via the partners to inclusion programme. *International Journal of Disability, Development and Education*, 54(1), 113-127.
- Martins, V. M. F. (2011). *A atitude dos alunos face à inclusão dos seus pares com deficiência* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/2950>.
- McGregor, S. J. (2003). *Attitude of students towards peers with disabilities: The effect of including students from an education support centre in an inclusive middle school setting* (Dissertação de Licenciatura). Edith Cowan University. Retirado de [http://ro.ecu.edu.au/theses\\_hons/356/](http://ro.ecu.edu.au/theses_hons/356/).
- Morgan, S. B., & Wisely, D. W. (1996). Children's attitudes and behavioral intentions toward a peer presented as physically handicapped: A more positive view. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 8(1), 29-42.
- Nabors, L. A., & Larson, E. R. (2002). The effects of brief interventions on children's playmate preferences for a child sitting in a wheelchair. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 14(4), 403-413.
- Nikolarazi, M., & De Reybekiel, N. (2001). A comparative study of children's attitudes towards deaf children, children in wheelchairs and blind children in Greece and in the UK. *European Journal of Special Needs Education*, 16(2), 167-182.
- Nikolarazi, M., Kumar, P., Favazza, P., Sideridis, G., Koulousiou, D., & Riall, A. (2005). A cross-cultural examination of typically developing children's attitudes toward individuals with special needs. *International Journal of Disability, Development and Education*, 52(2), 101-119.
- Nowicki, E. A. (2006). A cross-sectional multivariate analysis of children's attitudes towards disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 50(5), 335-348.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Olaleye, A., Ogundele, O., Deji, S., Ajayi, O., Olaleye, O., & Adeyanju, T. (2012).

Attitudes of students towards peers with disability in an inclusive school in Nigeria.

*Disability, CBR & Inclusive Development*, 23(3), 65-75.

Omote, S. (2016). Escala de atitudes sociais em relação à inclusão. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 16, 470-473.

Omote, S., Sampaio de Oliveira, A. A., Baleotti, L., & Martins, S. E. (2005). Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. *Paidéia*, 15(32), 387-398.

Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP] (2018). *A importância dos psicólogos escolares e da Educação*. Retirado de <http://escolasaudavelmente.pt/directores/perfil-dos-psicologos-escolares-e-da-educacao/importancia-dos-psicologos-escolares-e-da-educacao>.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Amadora: McGraw Hill.

Parada, I. (2014). *Atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência, nas aulas de educação física: comparação em alunos do 2º ciclo e secundário* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Retirado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/30727>.

Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, 25(5-6), 174-179.

Pereira, É. F., Teixeira, C. S., & dos Santos, A. (2012). Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 241-250.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Pinto, P. & Pinto, T. (2017). Pessoas com Deficiência em Portugal: Indicadores de Direitos Humanos 2017. *Observatório da deficiência e dos Direitos Humanos*. Retirado de <http://oddh.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/2013-04-24-18-50-23/publicacoes-dos-investigadores-oddh/item/347-relatorio-oddh-2017>.
- Pivik, J., McComas, J., & Laflamme, M. (2002). Barriers and facilitators to inclusive education. *Exceptional Children*, 69(1), 97-107.
- Pratas, A. (2014). *Representações de alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico face aos seus pares com Necessidades Educativas Especiais*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Beja. Retirado de <https://repositorio.ipbeja.pt/handle/20.500.12207/762>.
- Rathbone, L. (2013). *An analysis of students attitudes towards people with disabilities*. (Dissertação de Licenciatura). Dublin Bussiness School. Retirado de <https://esource.dbs.ie/handle/10788/1633>.
- Ribeiro, A. J. C. (2015). *As atitudes dos alunos face à inclusão dos seus pares com necessidades educativas especiais nas turmas do ensino regular* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus. Retirado de <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14279>.
- Rodrigues, D., & Nogueira, J. (2011). Educação especial e inclusiva em Portugal: fatos e opções. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 17(1), 3-20.
- Santos, D. A. R. D. (2014). *A atitude de alunos do 1º ciclo do ensino básico face à inclusão dos pares com necessidades educativas especiais nas turmas de ensino regular* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Retirado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3788>.
- Schifter, L. A. (2016). Using survival analysis to understand graduation of students with disabilities. *Exceptional Children*, 82(4), 479-496.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

- Siperstein, G. N., Parker, R. C., Bardon, J. N., & Widaman, K. F. (2007). A national study of youth attitudes toward the inclusion of students with intellectual disabilities. *Exceptional Children, 73*(4), 435-455.
- Slininger, D., Sherrill, C., & Jankowski, C. M. (2000). Children's attitudes toward peers with severe disabilities: Revisiting contact theory. *Adapted Physical Activity Quarterly, 17*(2), 176-196.
- Staub, D., & Peck, C. A. (1995). What are the outcomes for nondisabled students?. *Educational Leadership, 52*(4), 36-40.
- Swaim, K. F., & Morgan, S. B. (2001). Children's attitudes and behavioral intentions toward a peer with autistic behaviors: Does a brief educational intervention have an effect?. *Journal of Autism and Developmental Disorders, 31*(2), 195-205.
- Tirosh, E., Schanin, M., & Reiter, S. (1997). Children's attitudes toward peers with disabilities: the Israeli perspective. *Developmental Medicine & Child Neurology, 39*(12), 811-814.
- Triliva, S., Anagnostopoulou, T., Hatzinikolaou, S., Chimienti, G., & Mastorakou, A. (2009). The development and evaluation of a program to sensitize Greek grammar school students to issues relating to disability. *European Journal of Counselling Psychology, 1*(1), 3.
- Tueros, I. (2015). *Desarrollo de la empatía en edades tempranas*.(Dissertação de Licenciatura). Escuela Universitaria de Magisterio de Bilbao. Retirado de <https://addi.ehu.es/handle/10810/17631>.
- Vignes, C., Godeau, E., Sentenac, M., Coley, N., Navarro, F., Grandjean, H., & Arnaud, C. (2009). Determinants of students' attitudes towards peers with disabilities. *Developmental Medicine & Child Neurology, 51*(6), 473-479.

## ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

Villadangos, M., Errasti, J., Amigo, I., Jolliffe, D., & García-Cueto, E. (2016).

Characteristics of empathy in young people measured by the spanish validation of the Basic Empathy Scale. *Psicothema*, 28(3), 323-329.

Wagner, M., Kutash, K., Duchnowski, A. J., & Epstein, M. H. (2005). The special education elementary longitudinal study and the national longitudinal transition study: Study designs and implications for children and youth with emotional disturbance. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 13(1), 25-41.

# ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

## **Anexos**

**Anexo A:** Questionário sociodemográfico

**Anexo B:** E-mail de pedido de autorização para recolha de dados

**Anexo C:** Pedido de autorização para o/a Encarregado/a de Educação

**Anexo D:** Consentimento informado

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM  
INCAPACIDADES

Anexo A

Questionário Sociodemográfico

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

**Questionário sociodemográfico**

1. **Idade:** \_\_\_\_\_

2. **Sexo:** Feminino  Masculino

3. **Ano de escolaridade:** 7.º ano  8.º ano  9.º ano

4. **Caracterização familiar:**

<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
Idade: _____	Idade: _____
Profissão: _____	Profissão: _____
<b>Habilitações literárias:</b>	<b>Habilitações literárias:</b>
1.º Ciclo <input type="checkbox"/>	1.º Ciclo <input type="checkbox"/>
2.º Ciclo <input type="checkbox"/>	2.º Ciclo <input type="checkbox"/>
3.º Ciclo <input type="checkbox"/>	3.º Ciclo <input type="checkbox"/>
Curso Profissional <input type="checkbox"/>	Curso Profissional <input type="checkbox"/>
Secundário <input type="checkbox"/>	Secundário <input type="checkbox"/>
Licenciatura <input type="checkbox"/>	Licenciatura <input type="checkbox"/>
Mestrado <input type="checkbox"/>	Mestrado <input type="checkbox"/>
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Doutoramento <input type="checkbox"/>
Outro <input type="checkbox"/> Qual? _____	Outro <input type="checkbox"/> Qual? _____

5. Tens algum/a colega na **tua escola** com deficiência? Sim  Não

5.1. Se sim, costumavas conviver com ele/a? Sim  Não

6. Tens algum/a colega na **tua turma** com deficiência? Sim  Não

7. Na tua opinião, em que medida consideras que os/as alunos/as com deficiência se sentem bem **na tua escola**? Coloca uma cruz (x) na opção que melhor se adequa.

Nada bem	Mais ou menos bem	Bem	Muito bem
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM INCAPACIDADES

8. Costumas conviver com alguém com deficiência **fora da escola**? Sim  Não

8.1. Se sim, essa(s) pessoa(s) é/são... Coloca uma cruz (x) na(s) opção(ões) que melhor se adequa(m).

Pai	Mãe	Irmão/ã
Outros familiares	Vizinho/a	Amigo(s)/a(s)
Qual? _____		

8.2. Se sim, com que regularidade? Coloca uma cruz (x) na opção que melhor se adequa.

Menos de uma vez por mês	Pelo menos uma vez por mês	Pelo menos uma vez por semana	Todos os dias

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM  
INCAPACIDADES

Anexo B

E-mail de pedido de autorização para recolha de dados

Exma. Sra. Professora Lurdes,

No âmbito da minha dissertação, intitulada "Atitudes de adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades: o papel da autoestima, da empatia e da satisfação com a vida", relativamente à obtenção do grau de mestre em Psicologia Escolar e da Educação no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), sob orientação da Professora Doutora Carla Peixoto e do Professor Doutor Francisco Machado, venho, por este meio, pedir autorização para a recolha de dados junto dos alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico.

O meu estudo tem como objetivo analisar a relação entre as atitudes que os/as adolescentes têm relativamente à inclusão de alunos com incapacidades e a sua autoestima, empatia e satisfação com a vida.

A recolha de dados será feita através do preenchimento de questionários por parte dos/as alunos/as. A participação dos/as alunos/as na investigação é completamente voluntária. Será assegurada o anonimato da informação recolhida junto de cada aluno/a, bem como nunca será feita a referência em lado algum da identificação do Agrupamento de Escolas.

Saliento ainda que a aplicação dos questionários (em data a combinar, mas preferencialmente no 2.º período do presente ano letivo) será apenas feita após resposta aos consentimentos informados, quer dos encarregados de educação, quer dos/as alunos/as.

É certo que o seu contributo será fundamental para o desenvolvimento deste estudo, agradeço antecipadamente a sua colaboração e disponibilidade.

Deixo o meu contacto para eventuais esclarecimentos: [aldapr1994@gmail.com](mailto:aldapr1994@gmail.com)

Com os mais respeitosos cumprimentos,

Alda Ribeiro

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM  
INCAPACIDADES

Anexo C

Pedido de autorização para o/a Encarregado/a de Educação

## Pedido de autorização

No âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação, intitulada “Atitudes de adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades: o papel da autoestima, da empatia e da satisfação com a vida”, a decorrer no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), venho solicitar a sua autorização para colocar ao/à seu/sua educando/a um conjunto de questões relacionadas com a temática em estudo através do preenchimento de alguns questionários.

Informo que será garantida a confidencialidade e o anonimato de toda a informação recolhida, sendo utilizada unicamente para fins de investigação. Além disso, gostaria de salientar que a participação do/a seu/sua educando/a será totalmente voluntária, e livre de custos ou prejuízos para o/a mesmo/a, sendo que a qualquer momento tem o direito de recusar prosseguir com o preenchimento dos questionários.

Termino agradecendo a sua atenção, estando inteiramente disponível para esclarecer qualquer dúvida sobre a investigação através de [aldapr1994@gmail.com](mailto:aldapr1994@gmail.com).

Castêlo da Maia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

A Mestranda,

\_\_\_\_\_  
(Alda Ribeiro)



-----  
(A preencher pelo/a encarregado/a de educação)

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado/a de educação de \_\_\_\_\_, declaro que concordo com a participação do/da meu/minha educando/a na presente investigação, conforme as informações apresentadas neste documento.

\_\_\_\_\_  
(assinatura do/a encarregado/a de educação)

ATITUDES DE ADOLESCENTES FACE À INCLUSÃO DOS PARES COM  
INCAPACIDADES

Anexo D

Consentimento Informado

## Consentimento Informado

No âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação, intitulada “Atitudes de adolescentes face à inclusão dos pares com incapacidades: o papel da autoestima, da empatia e da satisfação com a vida”, a decorrer no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), gostaria de te convidar a participar nesta investigação através do preenchimento de alguns questionários relacionados com o tema em análise.

A tua participação é voluntária, sendo garantida a confidencialidade e o anonimato de toda a informação recolhida, a qual será utilizada unicamente para fins de investigação. A qualquer momento, tens o direito de desistir, não existindo qualquer tipo de consequência para ti.

Agradeço desde já a tua atenção e coloco-me à tua disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre a presente investigação.

A Mestranda,

\_\_\_\_\_  
(Alda Ribeiro)



-----  
(A preencher pelo/a aluno/a)

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que concordo em participar na presente investigação, conforme as informações apresentadas neste documento. Fui informado/a que tenho o direito a recusar participar ou de desistir a qualquer momento sem quaisquer consequências para mim. Declaro ainda que me foi dada a hipótese de esclarecer eventuais dúvidas relativamente a esta investigação.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do/a aluno/a)